

Unidade II

5 GÊNEROS TEXTUAIS

5.1 Estruturas e formatos de texto

Certamente você já reparou que existem diversos formatos de texto. Embora as qualidades já apontadas sejam aplicáveis a qualquer forma de expressão escrita, existem outras características que são específicas de cada gênero textual. Assim, escrever uma redação no Enem, um bilhete para um amigo, um relatório na empresa, uma peça de teatro, um conto, uma notícia, um e-mail, uma monografia ou um anúncio publicitário exige regras e habilidades diferentes. Esses diferentes tipos de escrita são denominados gêneros textuais. Um gênero textual supõe regras comunicacionais que dizem respeito a um modo específico de expressão. Para discutirmos o assunto, leia o trecho da reportagem a seguir:

Biólogo e quadrinista transformam artigo científico sobre o ciclo de vida dos insetos em história em quadrinhos

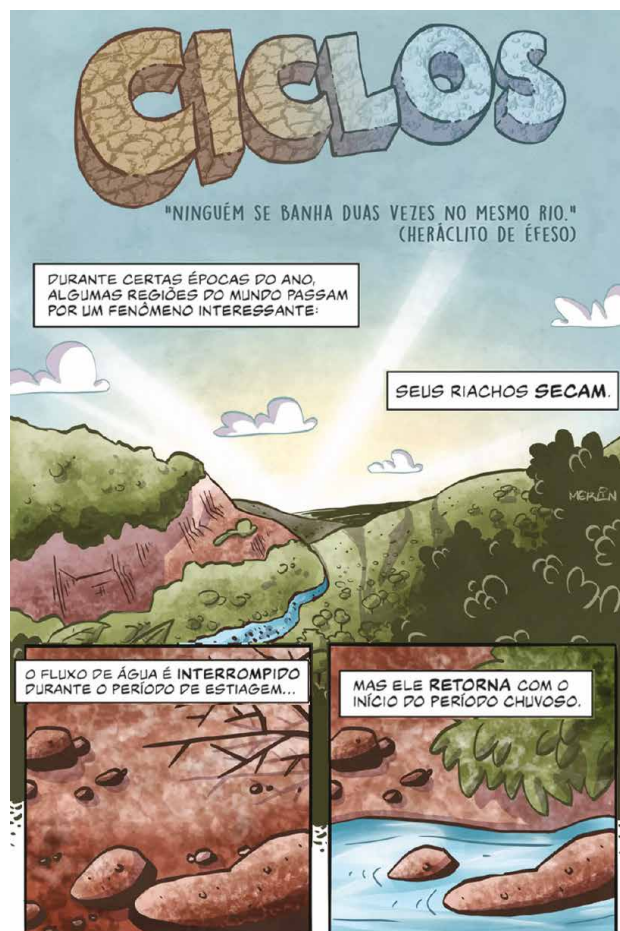


Figura 24

Você se lembra de como aprendeu sobre o ciclo de vida dos insetos na disciplina de biologia? Nesta quarta-feira (20), um biólogo e um quadrinista lançam uma explicação sobre o tema que, ao mesmo tempo, é científica e escapa do estilo de ensino tradicional. Batizada de "Ciclos", a "aula" é toda feita em quadrinhos, que ilustram e recontam os resultados de um experimento científico realizado no interior de Goiás.

Produzida em um processo de trabalho que levou seis meses, a história em quadrinhos resume em seis páginas o artigo.

Experimento que virou artigo científico

O biólogo, que fez a graduação na Universidade Federal de Goiás (UFG) e hoje é doutorando em microbiologia pela Universidade de São Paulo (USP), era estudante de iniciação científica quando integrou um grupo de pesquisa que foi a campo com um projeto para estudar a ecologia dos insetos.

Durante cinco semanas, os pesquisadores coletaram informações sobre como os insetos se reproduzem e iniciam um novo ciclo de vida no Cerrado brasileiro, mais especificamente no município de Niquelândia (GO).

O local escolhido por eles foram cinco riachos intermitentes, ou seja, que secam durante os períodos de estiagem e voltam a encher de água quando voltam as chuvas. A ideia era aproveitar o início da época de chuva para avaliar como cada espécie de inseto retornava ao riacho para um novo ciclo de procriação e colonização. Para isso, eles tiveram a ideia de montar "habitats artificiais" dentro de "bolsas" de nylon nos riachos.

Cada bolsa continha um conjunto de seixos, que são pequenas rochas arredondadas pelo fluxo da água. "Os insetos aquáticos podem viver embaixo ou na superfície dessas pedras, depende da espécie", explicou Queiroz ao G1.

A cada semana, o grupo retirava as bolsas antigas e colocava novas no lugar. Durante cinco semanas, as bolsas retiradas eram analisadas para revelar detalhes sobre como é feita a colonização daqueles ambientes.

Fonte: Moreno (2019).

Você percebeu que o biólogo e o quadrinista transformaram um artigo científico da área de biologia em uma história em quadrinhos. Obviamente, essa adaptação envolveu vários fatores: o conteúdo escrito em linguagem formal e acadêmica foi transformado em imagens, com falas mais coloquiais. Deve-se ressaltar que as gravuras exercem, nesses quadrinhos, importante função didática. Em outras palavras, não houve um mero acréscimo de desenhos no artigo a fim de ilustrá-lo. Isso significa que diferentes gêneros textuais podem apresentar o mesmo conteúdo, mas com diferentes formatos, destinados, muitas vezes, a públicos diversos.

Outro exemplo que corrobora essa ideia é a adaptação de livros em filmes. Com certeza, você já assistiu a produções cinematográficas construídas a partir de romances. Embora apresentem o mesmo enredo, as estruturas dos dois textos são diferentes. O cinema conta com outros recursos além da palavra e pode atingir um público diferente do livro.

Mesmo que cada gênero apresente especificidades, podemos apontar uma estrutura comum entre alguns. No caso do filme adaptado de um livro, por exemplo, podemos afirmar que ambos contam uma história, com personagens e em um determinado tempo. Com linguagens diferentes, filme e livro são textos narrativos.

Quando nos referimos à estrutura dos textos, normalmente os classificamos como narrativos, descritivos ou dissertativos. Certamente, na escola, você foi convidado a produzir narrativas (como a tradicional redação das "minhas férias"), descrições (como uma autoapresentação) e dissertações (como a defesa de um ponto de vista sobre algum assunto referente à nossa sociedade). É certo que, muitas vezes, os tipos se mesclam, mas, em cada caso, é possível identificar o predomínio de um deles.

Vamos abordar os tipos de texto a partir da leitura de quatro exemplos:

Texto 1

Ana não sabia dizer há quanto tempo estava naquela posição. Encolhida em um canto do quarto, não tinha forças nem mesmo para levantar e acender a luz. Qual o sentido de viver assim? Sentia-se paralisada, sem ânimo sequer para chorar. Ouviu uma batida na porta e a voz da sua mãe. Logo iriam insistir para que ela fosse jantar, mas nem conseguia pensar em ingerir algo.

Texto 2

Ana estava encolhida em um canto de seu quarto. O espaço era pequeno. A cama de solteiro, a escrivaninha e o armário com duas portas ocupavam todo o ambiente. Mas era o suficiente para uma jovem estudante de 20 anos. O quarto combinava com ela, que também era pequena. Com menos de 1,60 m e muito magra, Ana sentia-se confortável lá. Por isso, ficava trancada no quarto, especialmente quando estava muito triste.

Texto 3

A depressão é uma doença que tem acometido muitos jovens atualmente. Trata-se de um distúrbio crônico e recorrente, caracterizado por uma tristeza profunda, associada a sentimentos de desesperança e dor. Os jovens depressivos têm dificuldade em dormir e muitos perdem o apetite. Segundo uma pesquisa da Universidade Johns Hopkins, a taxa de jovens com algum episódio de depressão cresceu 37% no período de 2005 a 2014.

Texto 4

Uma das causas para o aumento da depressão entre os jovens encontra-se na desesperança provocada pelo atual cenário econômico. Sem perspectivas de um bom trabalho e sem esperança de manter o padrão de consumo a que estão habituados, muitos jovens sentem-se desiludidos e desmotivados.

A informatização reduziu postos de trabalho, e itens básicos, como saúde e educação, parecem inacessíveis para muitos. Esse cenário tem transformado a depressão na doença do século XXI.

Os quatro textos têm algo em comum: abordam, de algum modo, a depressão ou a tristeza profunda em jovens. No entanto, os objetivos e as características de cada um deles são diferentes.

No primeiro, narra-se algo que acontece com uma personagem. No segundo, o foco principal é caracterizar o ambiente e a personagem. No terceiro, são apresentadas informações sobre a doença. No quarto, defende-se um ponto de vista sobre o distúrbio, apontando o cenário econômico como responsável pelo crescimento da doença entre os jovens.

Assim, o primeiro tem estrutura narrativa; o segundo, descritiva; o terceiro, dissertativa expositiva; o quarto, dissertativa argumentativa.

Nos itens seguintes, retomaremos características dessas estruturas e sua presença em diferentes gêneros textuais.

5.2 Textos narrativos e descritivos

Observe os quadrinhos a seguir:



Figura 25

Calvin quer contar sua vida em um livro. Já tem o título, mas ainda não tem os fatos. A biografia que pretende escrever seria um texto narrativo, assim como os quadrinhos apresentados, que narram o desejo do personagem em escrever seu livro.

Os textos com estrutura narrativa relatam mudanças de estado dos personagens ao longo de um tempo. Em outras palavras, há uma sequência de fatos que é contada (em ordem linear ou não) ao leitor.

Veja, por exemplo, um trecho da letra da música "Eduardo e Mônica", da banda Legião Urbana:

Eduardo e Mônica

[...]

Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram

Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse
Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir

Festa estranha, com gente esquisita
Eu não tô legal, não aguento mais biritá
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
É quase duas, eu vou me ferrar

Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram, então, no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo
O Eduardo achou estranho e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo

Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês

Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol de botão com seu avô

Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema
Escola, cinema, clube, televisão

E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser

Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar

Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (não!)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular

E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram

Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação

Fonte: Legião Urbana (2001).

A letra apresenta um enredo: conta-se a história dos dois personagens, em ordem cronológica, desde o momento em que se conheceram até a vida a dois. Além disso, conhecemos características do Eduardo e da Mônica. Traçamos um perfil do jovem imaturo e da moça mais culta e mais vivida do que ele. Assim, essa música caracteriza-se como uma narrativa, com elementos descritivos.



Saiba mais

Ouçã essa música e outras que também narram uma história, como "Valsinha", de Chico Buarque, e "Domingo no parque", de Gilberto Gil.

BUARQUE, C. Valsinha. In: *Construção*. São Paulo: Philips Records, 1971. CD. Faixa 8.

GIL, G. Domingo no parque. In: *Gilberto Gil*. São Paulo: Mercury Records, 1968. CD. Faixa 10.

Crônicas, contos, reportagens, piadas e gibis também são gêneros que apresentam estrutura narrativa. Como exemplo, leia a crônica de Luis Fernando Verissimo apresentada a seguir:

O lixo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612.
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.

- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você começou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.

- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
- Jantar juntos?
- É.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha?
- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu?

Fonte: Verissimo (1995, p. 68-70).

A crônica narra o encontro de dois vizinhos que, embora nunca tenham se falado, conhecem episódios de vida e hábitos um do outro por meio dos lixos. A história transcorre mediante o diálogo (uso do discurso direto), o que contribui para a leveza do texto.



Lembrete

Os elementos que constituem um texto narrativo são: narrador, personagens, enredo, tempo e espaço.

O texto descritivo, por sua vez, tem por objetivo enumerar as características de alguém ou de algum objeto ou local. É marcado pela simultaneidade dos enunciados, sem relação de anterioridade e posterioridade, o que define o texto narrativo. Além disso, a alteração da ordem não compromete a finalidade do texto.

Muitas vezes, uma narrativa apresenta trechos descritivos com a finalidade de que o leitor crie a imagem de personagens ou de lugares. É o que observamos, por exemplo, no capítulo 2 do romance *Iracema*, de José de Alencar. O trecho a seguir é destinado a construir a imagem da protagonista:

Iracema

[...]

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

[...]

Fonte: Alencar (1991, p. 7).

Outro exemplo de texto predominantemente descritivo são os classificados de jornal, como o apresentado a seguir:

Vende-se apartamento na Av. Copacabana, no Rio de Janeiro. O imóvel tem 2 dormitórios, banheiro, lavabo, sala para dois ambientes e cozinha com armários embutidos, em uma área total de 110 m². Localizado em área nobre da Cidade Maravilhosa, o apartamento possibilita o acesso fácil aos pontos turísticos do Rio.

Em relação aos anúncios classificados, existe uma história curiosa. Conta-se que um amigo do poeta parnasiano Olavo Bilac lhe solicitou ajuda para vender um sítio. O homem estava preocupado, pois a propriedade gerava gastos e ele e sua família mal a frequentavam. Como conhecia a habilidade de Bilac com as palavras, pediu que ele escrevesse um anúncio. Então, o poeta, que conhecia o sítio, redigiu o seguinte classificado:

Vende-se encantadora propriedade onde cantam os pássaros, ao amanhecer, no extenso arvoredo. É cortada por cristalinas e refrescantes águas de um ribeiro. A casa, banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranquila das tardes, na varanda.

Passados alguns meses, os dois se reencontraram e Bilac perguntou ao amigo se ele tinha conseguido vender o sítio. "Nem pensei mais nisso", respondeu o outro. "Quando li o anúncio, percebi que eu era dono de uma maravilha e desisti da venda".

Note que os dois classificados, mesmo sendo descritivos, apresentam diferenças. O primeiro é mais objetivo, pois tem como foco as características do imóvel. O segundo é mais subjetivo, pois revela uma visão pessoal do lugar. A presença dos adjetivos (como encantadora, extenso, refrescantes e tranquila) confere subjetividade à descrição.



Observação

No primeiro anúncio, predomina a função referencial da linguagem. No segundo, temos a função emotiva.

Os textos narrativos e descritivos são considerados figurativos, pois trabalham principalmente com elementos concretos.

Para compreender a diferença básica entre textos temáticos e figurativos, considere os dois exemplos a seguir:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

A persistência sempre leva ao êxito.

Percebeu que os dois traduzem a mesma ideia, mas com elementos diferentes? O primeiro vale-se de substantivos concretos (água; pedra), e o segundo, de substantivos abstratos (persistência; êxito).

Em geral, temos mais facilidade em compreender o que é concreto. Veja, por exemplo, o caso das fábulas e parábolas. As ideias de moral são concretizadas por meio de elementos da natureza.

Leia, como exemplo, uma conhecida fábula de Esopo, escritor da Grécia Antiga:

A raposa e as uvas

Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas, eu não comeria.

Moral da história: desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

Como você deve ter notado, o enredo da fábula concretiza a ideia de "moral da história". Se falássemos a uma criança apenas a frase final, provavelmente, ela não compreenderia bem a mensagem. O caso da raposa faz com que o abstrato seja mais bem entendido.



Lembrete

Em geral, há elementos concretos nos textos figurativos e elementos abstratos nos textos temáticos. Devemos ver o que predomina.



Saiba mais

Para saber mais sobre os textos figurativos, leia o capítulo 8 do livro *Para entender o texto*, de José Luiz Fiorin e Francisco Savioli Platão.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Para entender o texto: leitura e redação*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1999a.

5.3 Textos expositivos e argumentativo–opinativos

Os textos que têm como finalidade expor temas ou defender determinado ponto de vista são principalmente temáticos, isto é, trabalham com ideias, elementos abstratos. Ainda que recorram a exemplos ou a pequenas narrativas na argumentação ou na ilustração do tema, esses textos têm como foco a discussão de ideias.

Como o nome indica, os textos expositivos discorrem sobre um tema, trazendo informações sobre ele ou explicando conceitos. Os argumentativos, por sua vez, apresentam o posicionamento do autor sobre o assunto.

Vejamos os dois trechos a seguir:

Texto 1

A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a Semana de Arte, em 1922, e se ramificou depois pelo país, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo (CANDIDO; CASTELO, 1975, p. 9).

Texto 2

Tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim. Com efeito, este romance é uma

tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente [...]. Clarice Lispector nos deu um romance de tom mais ou menos raro em nossa literatura moderna [...] dentro de nossa literatura é performance da melhor qualidade [...] (CANDIDO, 1970, p. 131).

No primeiro texto, os autores expõem informações sobre o movimento literário. No segundo, o professor Antonio Candido apresenta sua percepção do primeiro romance escrito por Clarice Lispector, em 1943. Trata-se de um texto de crítica literária, em que o autor apresenta sua avaliação da obra.

Dessa forma, a natureza dos dois textos, apesar de eles apresentarem a mesma estrutura temática, é distinta. O primeiro texto é expositivo, e o segundo, argumentativo-opinativo.

Os textos expositivos e argumentativos, em geral, procuram manter a impessoalidade e a objetividade, embora haja artigos jornalísticos e ensaios, como o texto 2, em que a primeira pessoa é usada.

Os textos temáticos tendem a seguir uma estrutura composta por introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos argumentativos, há uma tese (ideia central) que precisa ser fundamentada pelos argumentos. Dessa forma, é muito importante construir bem a argumentação.

5.3.1 Tipos de argumento

A força de um texto argumentativo está na consistência dos argumentos que ele apresenta.

Fiorin e Platão (1999b) citam alguns tipos de argumento: argumento de autoridade; argumento baseado no consenso; argumento baseado em provas concretas; argumento com base no raciocínio lógico; e argumento da competência linguística.

O argumento de autoridade consiste na citação de autores renomados, com domínio do saber. Tal procedimento visa a conferir credibilidade ao que se defende no texto.

Vejamos um exemplo:

A moral e a ética no desenvolvimento das crianças

A imposição moral e ética

Yves de La Taille, psicólogo especializado em desenvolvimento moral, fala sobre como, apesar da crise por que passam, sobretudo na família e na escola, a moral e a ética continuam a ser pontos fundamentais na educação e desenvolvimento das crianças. Educar. Palavra de apenas seis letras que traz consigo um amplo leque de responsabilidades ao pai ou educador que se proponha à árdua tarefa de ensinar uma criança a trilhar os caminhos do mundo inseguro. A violência, a falta de respeito e o individualismo – algumas das marcas

registradas dos dias atuais – levantam questões sobre como andam e como transmitir dois conceitos fundamentais da boa educação e do convívio social: a moral e a ética.

Para La Taille, a situação do mundo hoje é paradoxal. "De um lado, verificamos um avanço da democracia e do respeito aos direitos humanos. Mas, de outro, tem-se a impressão de que as relações interpessoais estão mais violentas, instrumentais, pautadas num individualismo primário, num hedonismo também primário, numa busca desesperada de emoções fortes, mesmo que provenham da desgraça alheia", afirma. Segundo ele, a crise moral e ética atinge tanto a escola quanto as famílias, e uma empurra a responsabilidade da educação das crianças para a outra. "Muitos professores acusam os pais de não darem, por exemplo, limites a seus filhos, e muitos pais acusam a escola de não ter autoridade e de não impor a disciplina", diz. Mas completa que tanto uma quanto a outra têm grande responsabilidade no desenvolvimento moral e ético das crianças.

Em sua entrevista, coloca que a definição de moral e ética é muito discutida atualmente. Moral é o conjunto de deveres derivados da necessidade de respeitar as pessoas, nos seus direitos e na sua dignidade. Logo, a moral pertence à dimensão da obrigatoriedade, da restrição de liberdade, e a pergunta que a resume é: "Como devo agir?". Ética é a reflexão sobre a felicidade e sua busca, a procura de viver uma vida significativa, uma "boa vida". Assim definida, a pergunta que a resume é: "Que vida quero viver?". É importante atentar para o fato de essa pergunta implicar outra: "Quem eu quero ser?". Do ponto de vista psicológico, moral e ética, assim definidas, são complementares. É possível vivermos sem moral e ética? A situação parece de certa forma paradoxal. De um lado, pelo menos no mundo ocidental, verificamos um avanço da democracia e do respeito aos direitos humanos. Logo, desse ponto de vista, saudosismo é perigoso. Assim, penso que, neste clima pós-moderno, há avanços e crise. É como se as dimensões política e jurídica estivessem cada vez melhores, e a dimensão interpessoal, cada vez pior. Agora, como não podemos viver sem respostas morais e éticas, urge nos debruçarmos sobre esses temas. De modo geral, penso que as pessoas estão em crise ética (que vida vale a pena viver?), e essa crise tem reflexos nos comportamentos morais. A imoralidade não deixa de ser tradução de falta de projetos, de desespero existencial ou de mediocridade dos sentidos dados à vida.

Fonte: Mello (2014).

O autor do texto apoia-se nas ideias de Yves de La Taille, psicólogo especializado em desenvolvimento moral, para fundamentar seu posicionamento frente ao tema. A referência ao especialista confere credibilidade ao texto e fundamenta a tese do autor.

O argumento baseado no consenso, por sua vez, consiste na formulação de proposições evidentes por si mesmas, das quais dificilmente alguém irá discordar. Quando dizemos que o investimento em educação é necessário para o desenvolvimento social e econômico de um país, estamos nos valendo de um argumento consensual. O contrário da proposição não se sustenta. Ninguém dirá que o desenvolvimento exige menos investimento em educação.

Observe que a afirmação "a moral e a ética continuam a ser pontos fundamentais na educação e no desenvolvimento das crianças" é consensual. Os argumentos com base no real, por sua vez, tendem a apresentar elementos concretos. Você já deve ter ouvido a frase: "Contra fatos não há argumentos". Ela traduz a ideia de que os argumentos baseados em provas concretas têm, em geral, grande peso argumentativo. Quando apresentamos um fato, um exemplo ou dados estatísticos sobre o assunto, estamos recorrendo a esse tipo de argumento.

Vejamos um exemplo com o artigo a seguir:

O brasileiro cordial

Há dias, ao término de uma palestra para cerca de 300 estudantes de uma universidade privada em São Paulo, me peguei pensando, ao olhar o auditório lotado de jovens: quantos de nós, ao deixar esse prédio, chegarão ilesos em casa? Porque, nos dias que correm, a nossa vida vale tão pouco que sobreviver a mais uma jornada é o máximo a que aspiramos. Todos nós conhecemos famílias destroçadas pela violência – e pouco a pouco a sociedade paralisada de medo vai se tornando refém da própria impotência.

Até o final do ano, estima-se que cerca de 65.000 pessoas terão sido assassinadas no Brasil, o que nos coloca na melancólica liderança do ranking mundial de homicídios no mundo em números absolutos ou o 11º em números relativos (levando em conta o tamanho da população). Embora a sensação de violência contamine a sociedade de forma geral, ela nos atinge de maneira particular, dependendo da classe social, da cor, idade e sexo e da região em que habitamos.

De cada três pessoas mortas no Brasil, duas são negras – e 93% do total pertencem ao sexo masculino. Os jovens entre 15 e 29 anos constituem 54% das vítimas. O Nordeste concentra sozinho 37% do total das mortes no país, sendo Alagoas o campeão com uma taxa de 65 mortes por 1.000 habitantes, o dobro da média nacional. A região concentra ainda as cinco capitais mais violentas: João Pessoa, Maceió, Fortaleza, São Luís e Natal. As armas de fogo respondem por 80% dos crimes, e quase 60% de todos os homicídios estão relacionados direta ou indiretamente ao tráfico de drogas. E, o mais inquietante: 90% dos assassinatos ficam impunes, porque nunca são solucionados.

Se as mulheres representam somente 7% do total das vítimas de homicídios, elas respondem pela quase totalidade das ocorrências de estupro, que é uma agressão devastadora. O Brasil registra cerca de 53.000 casos de violência sexual por ano, que, estima-se, significa apenas 10% do total – a maioria não chega a denunciar o agressor por medo, vergonha ou falta de confiança nas autoridades. 70% das queixas envolvem crianças ou adolescentes e em dois de cada três casos o criminoso é pessoa próxima da vítima (pai ou padrasto, irmão, namorado, amigo ou conhecido).

Talvez tenhamos que repensar o caráter do brasileiro. Afirmar que os brasileiros somos naturalmente alegres é desconhecer a insatisfação latente que vigora nos trens, ônibus e

vagões de metrô lotados. Falar que os brasileiros somos tolerantes é desconhecer nosso machismo, nossa homofobia, nosso racismo. Dizer que os brasileiros somos solidários é desconhecer nossa imensa covardia para assumir causas coletivas. A frustração, como já alertou uma canção do Racionais MC's, é uma máquina de fazer vilão. No fundo, estamos empurrando a sociedade para o beco sem saída do autismo social.

Fonte: Ruffato (2015).

Para sustentar a tese de que o Brasil é um país violento, especialmente com os negros, o autor vale-se principalmente de dados estatísticos. Trata-se de uma estratégia de grande peso argumentativo, pois se acredita que os números "não mentem". No caso, as informações estatísticas apresentadas são assustadoras e fundamentam o posicionamento do autor.

Deve-se observar, no entanto, que o uso de números não é neutro como se costuma pensar. Por exemplo, se um texto informa que a taxa de homicídios em uma cidade é de 1% e que, em outra, é de 10%, tendemos a imaginar que na segunda cidade há muito mais assassinatos do que na primeira. No entanto, o número de assassinatos depende da população local. Assim, se a segunda cidade tiver apenas 10 mil habitantes, teremos 1.000 homicídios, e, se a primeira tiver 1 milhão de habitantes, teremos 10 mil assassinatos. Dessa forma, optar por apresentar os dados relativos (porcentagem) ou absolutos (número dos casos) faz parte da estratégia argumentativa do autor do texto.

Outros tipos de argumentos são aqueles com base no raciocínio lógico, que dizem respeito às relações entre proposições e provas. As deduções, por exemplo, devem ser decorrentes das premissas apresentadas. Parte-se de alguma afirmação geral e chega-se à sua aplicação em um caso particular.

Você já deve ter ouvido falar em silogismo. Trata-se de um modelo de raciocínio em que a conclusão se deduz de duas premissas, como no exemplo a seguir:

Todo ser humano é mortal (premissa maior).

José é homem (premissa menor).

Logo, José é mortal (conclusão).

Observe que a primeira premissa é geral, e a segunda se refere a um caso particular.

O raciocínio indutivo também se enquadra no tipo de argumento lógico. Trata-se de chegar a uma verdade mais geral a partir de dados particulares. A ciência empírica se vale do método indutivo para postular leis. Por exemplo, experiências com alguns metais na condução de corrente elétrica permitem induzir os resultados para todos os elementos do grupo.

Ainda nos argumentos lógicos, podemos citar o raciocínio por analogia. Trata-se de estabelecer uma relação de semelhança entre fenômenos de naturezas distintas.

Vejamos esta crônica de Luis Fernando Verissimo:

A versão dos afogados

Existe uma teoria segundo a qual o prestígio do boto entre pescadores, surfistas e outros seres marinhos se deve a uma deformação estatística. Tudo que sabemos do bom caráter do boto vem do relato de quase afogados que ele salvou, empurrando-os para a praia. Mas o boto empurra tanto para a praia quanto para o alto-mar. Estatisticamente, talvez tenha empurrado mais gente para a morte do que para a praia. Só que a versão dos afogados ninguém fica sabendo. (Também se diz que o boto é um tubarão frustrado, que empurra com o nariz porque não consegue morder, mas isso já é má vontade com o boto.)

Essa celebração neoliberal, que contagia até pessoas que a gente nem diria, também é o resultado de um monopólio de informação, no caso dos beneficiários muito vivos de um mercado sem controle, de um movimento sindical sem força e de uma esquerda irrelevante. O que eles alegam em defesa do capital especulativo que inunda o mundo (só para não perder a analogia molhada) é que, quando a maré sobe, todos os barcos sobem junto. A realidade – esta, sim, estatisticamente verificável – é que o trabalho assalariado vale menos, e a concentração de renda e a diferença entre ricos e pobres é maior hoje do que antes em todo o mundo, inclusive em países em que a receita neoliberal foi aplicada antes de virar moda internacional. Ou seja: a maré só levanta alguns barcos, e afoga o resto. E afogados, por definição, não têm lobby, não têm imprensa e não têm quem fale por eles, fora boas almas e maus poetas.

Há pouco os dirigentes dos sete países mais ricos, numa das suas periódicas reuniões para comparar barrigas, pediram ao Banco Mundial e ao FMI que moderassem suas exigências de “responsabilidade” econômica aos países mais pobres, para que pudessem cuidar de suas misérias. Algo assim como atirar-lhes alguns salva-vidas. Quer dizer, até o boto está meio envergonhado.

Fonte: Verissimo (1997, p. 75).

O autor afirma que a boa imagem que se tem (ou se tinha em 1995, ano em que a crônica foi escrita) do neoliberalismo é provocada por uma distorção das informações, pois só são divulgadas as versões daqueles que tiveram sucesso no modelo. Para defender essa ideia, o escritor vale-se da analogia com o boto (que tem a fama de ser um animal bom, que salva as pessoas), mas salienta que, na verdade, só temos essa imagem porque ficamos sabendo apenas das versões dos que o boto salvou. A versão dos que foram afogados por ele não é divulgada.

Como se vê no texto, a analogia apresenta como base da comparação uma ideia consensual, da qual dificilmente se vai discordar.

Cabe observar que o texto é muito bem escrito: o autor encadeia bem as ideias e utiliza as palavras com precisão. Com isso, percebemos que a forma também se constitui como um tipo de argumento.

A competência linguística diz respeito à formulação do texto e é importante na construção da argumentação. A habilidade no uso da linguagem e na utilização de conceitos, por exemplo, é um fator que gera mais credibilidade ao enunciador.

Compare os dois enunciados a seguir:

Os programas sensacionalistas da televisão são muito apelativos e deixam todo mundo alarmado, mas as pessoas gostam disso, por isso a audiência é tão grande (ANÔNIMO).

Marcondes Filho (1986) descreve a prática sensacionalista como nutriente psíquico, desviante ideológico e descarga de pulsões instintivas. Caracteriza sensacionalismo como "o grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. Esta está carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora. [...] No jornalismo sensacionalista, as notícias funcionam como pseudoalimentos às carências do espírito. [...] O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Fabrica uma nova notícia, que a partir daí passa a se vender por si mesma" (SOBRINHO, 1995, p. 15).

Qual deles confere mais credibilidade ao seu enunciador? Evidentemente o segundo, pois o vocabulário e a sintaxe revelam maior domínio sobre o tema. Já deve ter acontecido de você presenciar um colega ter uma nota maior em uma prova do que outro estudante, apesar de os dois saberem a resposta da questão. Certamente, um foi capaz de expressar melhor seus conhecimentos por ter mais competência linguística.

Cabe ressaltar, contudo, que a competência linguística na argumentação não se refere somente ao uso da norma culta. É sempre necessário levar em consideração a situação de comunicação e o público. Um sindicalista, por exemplo, em uma assembleia, deve falar de modo a ser compreendido pelos colegas, valendo-se dos termos comuns a eles. Caso use uma linguagem excessivamente formal, sua fala terá pouco impacto argumentativo.

Você deve ter notado que, nos textos dos exemplos, aparecem vários tipos de argumentos combinados. A habilidade do enunciador consiste em justamente saber dosar os tipos de argumentos de modo a atingir o efeito desejado.



Observação

Opinião difere de posicionamento fundamentado, uma vez que o autor de uma declaração opinativa não precisa comprovar sua tese. Se eu digo que pistache é melhor que amendoim, não há necessidade de comprovar meu gosto pessoal. Mas, se digo que as ações afirmativas são necessárias para diminuir as desigualdades, devo apresentar argumentos que sustentem a ideia.

5.3.2 Problemas de argumentação

É importante, também, que fiquemos atentos aos problemas de argumentação, ou seja, é necessário que saibamos identificar falhas argumentativas nos textos.

De forma bem genérica, podemos dizer que são comuns dois tipos de falhas de acordo com a lógica: ou se formula um raciocínio errado com dados certos ou se constrói um raciocínio certo com dados errados.

Vejamos os exemplos:

Todos os homens são mortais. Meu cãozinho Tobi é mortal. Logo, Tobi é homem.

Eu vivo em uma metrópole e nunca fui assaltada. Logo, a cidade não é perigosa.

No Brasil, os números de brancos e negros nas universidades são iguais. Isso comprova que não há racismo na nossa sociedade.

Todos, no Brasil, têm oportunidades iguais. Assim, o sucesso pessoal depende de cada um.

Certamente você percebeu que os enunciados apresentam falhas. No primeiro, a conclusão não decorre das duas premissas. Não se afirma que todo mortal é homem, mas, sim, que todo homem é mortal. No segundo, pretende-se, por indução, tornar um caso particular em lei geral. No entanto, essa generalização fere a lógica, pois o exemplo pessoal não é suficiente para a construção de uma tese fundamentada. No terceiro, a informação sobre o número de brancos e negros na universidade não é verdadeira. Assim, a conclusão não é válida. No quarto, também se tem um pressuposto falso, pois os cidadãos não têm, no Brasil, oportunidades iguais.

Fiorin e Platão (1999a) agrupam os defeitos de argumentação em alguns tipos:

- emprego de noções confusas;
- emprego de noções de totalidade indeterminada;
- emprego de noções semiformalizadas;
- defeitos de argumentação pelo exemplo, pela ilustração ou pelo modelo.

Alguns termos têm uma extensão de significado muito ampla, como liberdade, ideologia, democracia, progresso etc. Assim, no uso dessas palavras, é preciso deixar claro o conceito que atribuímos a elas. Como ressaltam os autores, algumas delas têm valor positivo ou negativo no senso comum, e as pessoas, em geral, não atentam para seu exato significado. De acordo com Fiorin e Platão (1999a, p. 202), "as pessoas das mais diferentes ideologias não ousam contrariar o consenso das opiniões e usam esse tipo de palavra de maneira mais elástica, seja para enaltecer os princípios que defendem, seja para atacar os princípios da facção contrária".

O uso de noções de totalidade indeterminada ou generalistas também compromete a argumentação de um texto. Esse defeito revela falta de reflexão analítica e de informação. Trata-se de afirmações simplistas, que colocam no mesmo patamar realidades muito diferentes. Quando lemos, por exemplo, que as mulheres são todas iguais, estamos diante de uma afirmação que expressa falta de análise ou de informação.

Outro defeito que se encaixa no mesmo grupo de problemas é a instauração de falsos pressupostos. Quando alguém afirma que as empresas estatais não são eficientes, além da generalização evidente, pressupõe que as privadas o sejam.

Há, ainda, o emprego de noções semiformalizadas, ou seja, o uso inadequado de palavras que, na linguagem científica, têm um significado preciso. Muitos não conhecem, de fato, o conceito de determinadas palavras, mas as usam para mostrar erudição. Encontram-se, nesta categoria, palavras como "socialismo", "estruturalismo", "burguesia" etc.

Há também o defeito de argumentação pelo exemplo, pela ilustração ou pelo modelo. Isso inclui tanto o uso de informações falsas quanto as conclusões erradas em relação aos fatos.



Saiba mais

Para saber mais, leia os capítulos 23 e 24 do livro *Para entender o texto*, de José Luiz Fiorin e Francisco Savioli Platão.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Para entender o texto: leitura e redação*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1999a.

Vamos tomar como exemplo o texto a seguir:

Os benefícios da tecnologia

Nos dias de hoje, as pessoas têm liberdade, pois podem comprar aquilo que quiserem. Todos têm acesso a inúmeras informações pela internet. A vida atualmente é muito melhor do que nos séculos passados, onde não havia computadores e celulares.

Uma pessoa pode, hoje, conversar com outra em um país distante e, assim, conhecer outras culturas. Além disso, pode ver vídeos diversos. O que faz com os jovens hoje sejam muito mais informados e inteligentes do que as gerações passadas.

A tecnologia também fortaleceu a democracia. Nos países com ditadura, a rede é bloqueada justamente por isso. As redes sociais permitem a expressão de ideias diferentes. O que quebra o oligopólio do pensamento único.

Portanto, comprova-se que a vida hoje é muito melhor do que antes.

O enunciador tem uma tese: a vida hoje é melhor do que no passado. Você acha que ele sustentou bem essa ideia? Não, sua argumentação apresenta muitos defeitos. Já no primeiro parágrafo, o termo "liberdade" é tomado, sem o devido cuidado, como a mera possibilidade de consumo. A conjunção "pois" estabelece uma explicação que não tem relação lógica com a afirmação antecedente. Além disso, é feita uma afirmação falsa: nem todos têm acesso à internet. A última colocação também não tem comprovação, pois a existência de aparelhos não implica vida melhor. Há, também, o uso inadequado do conectivo "onde".

No segundo parágrafo, também se observa falta de lógica na conclusão: o acesso a vídeos ou a conversas não torna, necessariamente, as pessoas mais bem informadas e, muito menos, inteligentes. Há, ainda, um problema de coesão, pois a oração que se inicia com "o que" não poderia estar separada da antecedente por ponto final.

No terceiro parágrafo, não se citam exemplos ou informações que comprovem que o uso da tecnologia fortalece a democracia, que também não se apresenta bem definida no texto. Além disso, há o uso inapropriado da palavra "oligopólio". Repete-se, ainda, o mesmo problema do parágrafo anterior, com oração fragmentada.

A conclusão apenas reafirma a tese, cuja comprovação não foi desenvolvida no texto. Apesar de não apresentar problemas ortográficos ou de concordância, o texto revela pouca competência linguística do enunciador, pois há repetições, má articulação entre as ideias, sintaxe com problemas e vocabulário impreciso.

6 ALGUNS GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS

Na sua vida acadêmica, os professores constantemente vão solicitar que você pesquise determinado tema, que assuma um ponto de vista sobre algum assunto ou, ainda, que analise um texto. Trata-se de trabalhos do discurso acadêmico e, por isso, apresentam determinadas características.

Os textos do gênero acadêmico têm como objetivo expor resultados de pesquisas científicas, filosóficas ou artísticas e discutir ideias e conceitos. Neles, predomina a função referencial da linguagem, uma vez que a impessoalidade e a informação são valorizadas. Apresentam como características o rigor, a perspectiva crítica e a preocupação com a objetividade.

Os textos acadêmicos devem apresentar exatidão no uso dos conceitos, boa articulação entre as ideias, precisão vocabular e obediência à norma culta. Além disso, é fundamental que as fontes sejam referenciadas (citadas literalmente ou aludidas).

A linguagem científica apresenta as seguintes características:

- **Objetividade:** expressões como "eu penso", "eu acho", "na minha opinião" devem ser evitadas, pois elas revelam subjetividade e dão margem a interpretações simplórias e sem valor científico.
- **Vocabulário técnico:** cada área do saber apresenta terminologia própria, que deve ser observada.
- **Correção gramatical:** a norma culta deve ser seguida.

A maioria dos trabalhos acadêmicos exige referência a autores, por meio de citação. Nesses casos, pode ser feita a citação direta, com aspas indicando o início e o fim do que foi transcrito, com nome do autor, obra e página, de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Outro modo de inserir o discurso alheio é por meio da paráfrase, reescrevendo a ideia do autor. Também neste caso é necessário referenciar a fonte.



Saiba mais

Consulte o site da ABNT para conhecer as normas definidas para os trabalhos acadêmicos.

<http://www.abnt.org.br/>

Observe o trecho do artigo de Walter Garcia, publicado na *Revista Teresa*, da Universidade de São Paulo:

Ouvindo Racionais MC's

[...]

Não há canção bem-feita que não utilize a figurativização. Tatit considera que o recurso esteja na base da própria história da canção popular brasileira, embora não seja nem o único que existe para compatibilizar melodia e letra, nem predomine na maior parte dos casos. Nas composições que simulam uma situação de conversa, porém, a figurativização é predominante, assim como nas interpretações de cantores que parecem falar quando cantam, não importa a música. Nos dois casos, o foco de atenção do ouvinte recairá sobre a voz "que canta porque diz e que diz porque canta", ficando em segundo plano o apelo à dança ou a emoção sugerida por uma melodia sentimental³.

[...]

³ Cf. TATIT, Luiz. *A canção: eficácia e encanto*. São Paulo: Atual, 1986, p. 267.

Fonte: Garcia (2004).

Repare que o autor, para tratar do tema, valeu-se tanto da citação direta quanto da indireta ao inserir no texto ideias de Luiz Tatit.



Observação

Muitos estudantes têm por hábito copiar e colar trechos de textos que encontram na internet, sem fazer a devida referência. Isso configura plágio, o que, além de ser ato de desonestidade intelectual, é crime. Mesmo que o aluno use informações coletadas na rede ou em outras fontes, ele deve redigi-las com autoria e deve dar o crédito das ideias ao texto original.

Nos itens a seguir, serão apresentadas características específicas de gêneros textuais do discurso acadêmico-científico. Alguns autores dividem os textos acadêmicos em dois grupos: o de documentação e o de comunicação.

No primeiro, encontram-se aqueles que têm por objetivo registrar as informações de alguma obra, como os resumos, as resenhas e os fichamentos. Trata-se de textos com partes descritivas. No segundo, o objetivo é divulgar ideias e resultados de pesquisa por meio de um texto autoral. Nele, encontram-se o artigo científico e a monografia, por exemplo. São gêneros que trabalham essencialmente com a discussão de ideias e, portanto, com elementos temáticos.

6.1 Fichamento

O fichamento caracteriza-se como um método de armazenamento de informações sobre livros ou textos que visa a facilitar a consulta do estudante. O objetivo é registrar o essencial para que as informações sejam posteriormente localizadas. Trata-se de um gênero que tem como suporte original fichas, conforme apresentado a seguir:

O diagrama mostra uma ficha de fichamento com quatro partes numeradas e legendadas:

- 1 Cabeçalho:** Informações básicas: pode ser a disciplina para a qual o fichamento foi realizado. Exemplo: *Língua Portuguesa - Profª Andréia Motta*.
- 2 Referências:** Formatadas de acordo com a NBR 6023:2002. Exemplo: *GUIMARÃES, E. Língua portuguesa: das esquadras de Cabral aos cinco continentes. Revista EntreLínguas - Especial Línguas, São Paulo: Dueto, vol. 4, jan. 2006, p. 68-71*.
- 3 Texto:** Resumo, comentário ou citação do arquivo original. No caso da citação, usa-se o que determina a NBR 10520:2001. Exemplo: *"A língua portuguesa é, como o galego, o espanho, o catalão, o francês, o italiano, o romeno, o sardo, o rético e o franco-provençal, uma língua românica (também chamada de língua latina ou neolatina)." (GUIMARÃES, 2006, p. 68)*.
- 4 Local:** Onde o texto foi encontrado, como uma biblioteca, por exemplo. Neste caso, era uma cópia impressa. Exemplo: *Cópia xerografada.*

Na parte inferior da ficha, há o logo "Conversa de Português" com o subtítulo "Língua Portuguesa - Língua Portuguesa".

Figura 26

Observe que o fichamento é composto pelas informações básicas da obra, pelo registro das ideias centrais e pela indicação do local onde encontrá-las. Atualmente, com o suporte da informática, os fichamentos podem ser realizados em arquivos eletrônicos. Alguns autores consideram três tipos de fichamento: de citação; de conteúdo; e de crítica. No primeiro, predominam trechos do texto original. No segundo, as ideias centrais são resumidas. No terceiro, acrescentam-se comentários do estudante sobre a obra.

6.2 Resumo

Leia os quadrinhos a seguir:



Figura 27

De forma malandra, Calvin deu o livro a Haroldo com a intenção de lhe pedir o resumo para entregar na escola. Tanto no nível básico quanto no nível superior, o resumo é um dos gêneros mais presentes na vida do estudante. Genericamente, podemos dizer que o objetivo do resumo é sintetizar o conteúdo de um texto, registrando suas informações mais importantes.

De acordo com Fiorin e Platão (1999a), um resumo não pode perder de vista três elementos: cada uma das partes essenciais do texto; a progressão em que elas se sucedem; e a correlação estabelecida entre elas. O resumo deve se ater às ideias do texto original. Não deve conter comentários ou opiniões.

Não é adequado que o resumo seja feito período por período ou parágrafo por parágrafo. O ideal é que o texto seja lido integralmente e compreendido. Por isso, recomenda-se a leitura completa daquilo que se pretende resumir, para que seja possível ter uma ideia do conjunto. Na sequência, deve-se realizar outra leitura, assinalando-se (sublinhando) os pontos centrais e atentando-se para as relações estabelecidas entre as partes. As informações pouco relevantes devem ser eliminadas.

Recomenda-se que o resumo seja redigido em terceira pessoa, na forma de um texto coeso e articulado, e não em forma de itens ou tópicos avulsos.

6.3 Resenha

De acordo com Fiorin e Platão (1999a, p. 426), resenhar "significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem".

A resenha crítica é composta por uma parte descritiva e por outra opinativo-argumentativa. A parte descritiva deve conter o nome do autor, o título do texto e as informações sobre a publicação (local, editora, ano e número de páginas). Além disso, deve apresentar um resumo da obra. A parte opinativo-argumentativa deve apresentar os julgamentos fundamentados do resenhador sobre a obra.

A resenha, por emitir juízo de valor, exige conhecimento do assunto e reflexão sobre o tema e a obra.

Medeiros (2006) apresenta um roteiro para compor uma resenha de um texto argumentativo. Em relação à parte descritiva, o autor recomenda que se respondam as seguintes perguntas:

- De que trata o texto?
- Sob que perspectiva o autor aborda o tema?
- Como o problema é tratado?
- Qual a tese do autor?
- Quais os argumentos utilizados?
- Há assuntos paralelos à ideia central?

Em relação à parte analítica, que expõe a apreciação sobre a obra, Medeiros (2006) sugere os seguintes questionamentos:

- Há coerência interna?
- Qual a originalidade do texto?
- Qual o seu alcance?
- As ideias são válidas e relevantes?
- Quais as contribuições da obra?
- Os objetivos do autor foram atingidos?
- A tese é sustentada com bons argumentos?

Esse roteiro deve ser adaptado de acordo com a natureza da obra a ser resenhada. No caso de ser um romance, por exemplo, deve-se expor um resumo do enredo e dos personagens centrais na parte descritiva. Na análise, deve-se avaliar como o autor desenvolveu a narrativa, de quais recursos literários se valeu etc.

Em síntese, a resenha descreve as propriedades da obra, relata os dados do autor e da edição, apresenta um resumo do conteúdo e emite considerações e juízos de valor do resenhador.

6.4 Paráfrase

A paráfrase é o texto que expressa as ideias de outro texto, mas com redação própria. Parafrasear um texto, portanto, consiste em reescrever sua mensagem com outras palavras.

O primeiro passo para produzir uma boa paráfrase é a compreensão do texto original. Por isso, é necessária a leitura atenta e completa do texto. Não é adequado parafrasear período por período. Deve-se ter o entendimento geral do texto para, então, escrever a paráfrase, respeitando-se a ordem e o encadeamento das ideias do texto original.

Outro ponto importante é não inserir comentários ou informações adicionais. A paráfrase não permite que o enunciador se coloque de alguma forma no texto.

Deve-se, também, tomar cuidado para não se prender excessivamente ao texto original. A mera substituição de palavras não é suficiente para fazer uma paráfrase. Alguns estudantes trocam, por exemplo, "mas" por "porém", ou "correto" por "certo", e acham que, com isso, modificaram o texto. Isso não é verdade. Nesses casos, considera-se que houve plágio. A paráfrase deve ter boa dose de autoria.

Tomemos como exemplo um trecho do livro *Raízes do Brasil*, do historiador Sérgio Buarque de Holanda:

Texto original

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é o prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século XIX. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução, da família. A verdade, bem outra, é que pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade (HOLANDA, 1995, p. 139).

Paráfrase

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (1995), Estado e família têm essências distintas. O Estado não é, como pensaram alguns, a ampliação do ambiente familiar, tampouco um conjunto de agrupamentos particulares. Trata-se de duas formas distintas, e até opostas, de organização. A consolidação do Estado, que torna o indivíduo um cidadão, implica a transgressão da ordem doméstica e familiar.

Note que, se o aluno for se valer dessa ideia do historiador no seu trabalho, ele deve fazer alusão à fonte, ao nome e à obra do autor.

Agora imagine que um estudante, a partir do texto original, fizesse as alterações destacadas a seguir e colocasse o trecho no seu trabalho, como se fosse de sua autoria. Isso seria plágio.

Plágio

*O Estado não é uma ampliação **da família** e, **muito** menos, uma integração de certos **grupos**, de **determinadas** vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não **há**, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas, **sim**, uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é o prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século XIX. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições **seriam descendentes** em linha reta, e por simples evolução, da família. A verdade, bem **diferente**, é que pertencem a ordens **distintas** em essência. **Apenas** pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que **surge** o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade.*

6.5 Ensaio

O ensaio apresenta as reflexões críticas do autor a respeito de um tema ou de uma obra. Trata-se de um texto que revela o posicionamento do autor. Normalmente, costumam-se considerar dois tipos de ensaio: o literário (informal) e o acadêmico (formal).

No literário, a liberdade de escrita é maior, o que faz com que o texto seja mais criativo e menos objetivo.

O acadêmico deve apresentar fundamentos sobre o tema, ainda que com uma linguagem menos científica. Mesmo que tenha uma estrutura mais flexível e livre do que outros textos acadêmicos, o ensaio deve ter o rigor científico.

O bom ensaio depende da capacidade do autor em articular conhecimentos, avaliações e interpretações. Medeiros (2006, p. 228) aponta que "o ensaio é problematizador, antidogmático e nele devem sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade".

6.6 Relatório

O relatório não tem um formato único. Sua estrutura varia em função da área de saber e dos objetivos. Em essência, trata-se de um texto com características narrativas e descritivas sobre algum experimento ou alguma pesquisa.

Na academia, em geral, é composto pelas seguintes partes:

- capa;
- sumário;
- introdução;
- desenvolvimento (narração e descrição das ações);

- conclusões;
- referências bibliográficas;
- anexos.

De acordo com Darcilia Simões e Claudio Henriques (2002), o relatório é uma redação de cunho perspectivo-prospectivo, pois recupera etapas já realizadas e pode projetar a continuidade da pesquisa.

6.7 Comunicação científica

Denomina-se comunicação científica a exposição de uma pesquisa em congressos, seminários, simpósios e encontros acadêmicos. Normalmente, as comunicações podem ser orais, com duração média de 15 minutos, ou por meio de banners.

Em qualquer formato, a comunicação deve apresentar introdução da pesquisa, justificativa, objetivos, delimitação do problema, metodologia e ideia central.



Observação

Quando fazemos a inscrição para realizar a comunicação em um evento acadêmico, enviamos um resumo do trabalho e algumas palavras-chave.

6.8 Artigo científico

O artigo científico, segundo a ABNT (2018, p. 2), é a "publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento".

O artigo é publicado em revistas especializadas a fim de divulgar conhecimentos, de comunicar resultados ou novidades a respeito de um assunto ou, ainda, de apresentar outras soluções para um tema.

A estrutura do artigo é composta de:

- título;
- autor(a);
- epígrafe (facultativa);
- resumo/abstract;
- palavras-chave;

- conteúdo (introdução, desenvolvimento e conclusão);
- referências bibliográficas.

Observe, na figura a seguir, a primeira página de um artigo publicado na *Revista Via Atlântica*, da Universidade de São Paulo, em dezembro de 2018:

UMA LEITURA DE “ENFERMEIRINHAS ESPERTAS”, CRÔNICA DE TEREZA QUADROS, MÁSCARA DE CLARICE LISPECTOR¹

A READING OF “ENFERMEIRINHAS ESPERTAS” BY
TEREZA QUADROS, MASK OF CLARICE LISPECTOR

TÂNIA SANDRONI*

RESUMO: Este artigo apresenta uma leitura da crônica “Enfermeirinhas espertas”, de Tereza Quadros (máscara de Clarice Lispector), publicada no semanário *Comício*, em 1952. A escritora era responsável pela coluna feminina “Entre mulheres” do veículo. Nessa página, a colunista publicou crônicas com incontestável valor literário, sendo que algumas delas deram origem a contos publicados posteriormente na obra lispectoriana.
PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector colunista, Tereza Quadros, *Comício*, jornalismo, literatura, crônica na década de 1950.

ABSTRACT: This article presents a reading of the literary chronicle “Clever Little Nurses” by Tereza Quadros (mask of Clarice Lispector), published in the weekly journal *Comício* in 1952. The writer was responsible for the journal’s the feminine column “Among Women”. On those pages, the columnist published literary chronicles of indisputable value, with a few of them originating short stories later published by the author.

KEYWORDS: columnist Clarice Lispector, Tereza Quadros, *Comício*, journalism, literature, literary chronicle in the 1950s.

Figura 28



Saiba mais

Pesquise, na internet, revistas científicas da sua área e leia um artigo sobre algum tema que lhe interesse. No site a seguir, você encontra as revistas classificadas pelo índice Qualis, que avalia a qualidade da produção intelectual da publicação.

<https://sucupira.capes.gov.br>

Segundo Medeiros (2006), os artigos podem ser analíticos, classificatórios ou argumentativos. Os primeiros definem o assunto e descrevem aspectos relacionados a ele. Os classificatórios, por sua vez,

constroem uma ordenação de aspectos de determinado tema, agrupando-se de acordo com algumas características. Os argumentativos defendem um enfoque sobre o tema e o fundamentam. Sua estrutura contém a exposição da teoria, a apresentação de fatos e as conclusões a que se chegou na pesquisa.

A linguagem, além de clara e gramaticalmente correta, deve ser precisa, com o uso dos termos específicos da área do saber em que o artigo se insere.

6.9 Projeto de pesquisa

Antes de desenvolver uma pesquisa, é necessário que o estudante elabore um projeto. Trata-se de um texto que revela a delimitação do tema e os objetivos que se pretende atingir.

Os projetos podem variar de acordo com a área do saber e com a instituição de ensino. No entanto, podemos apontar um modelo básico, que contém:

- tema;
- objetivos;
- problema;
- hipóteses;
- justificativa;
- referencial teórico;
- metodologia;
- cronograma;
- referências bibliográficas.

6.10 Monografia

A monografia, como o nome indica, é uma dissertação que trata em profundidade de um tema único, com abordagem bem delimitada.

De acordo com as normas da Universidade Federal do Paraná (2002, p. 2),

monografia é a exposição de um problema ou assunto específico, investigado cientificamente. O trabalho de pesquisa pode ser denominado monografia quando é apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de especialista, ou pode ser denominado trabalho de conclusão de curso quando é apresentado como requisito parcial para a conclusão de curso.

Segundo Medeiros (2006), na monografia de graduação, é suficiente a revisão bibliográfica, pois se trata de um trabalho de assimilação de conteúdos. O autor afirma que "são características da monografia a sistematicidade e completude, a unidade temática, a investigação pormenorizada e exaustiva dos fatos, a profundidade, a metodologia, a originalidade e a contribuição da pesquisa para a ciência" (MEDEIROS, 2006, p. 232).

A estrutura da monografia compreende introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, indica-se o tema a ser abordado e, segundo Medeiros (2006, p. 233),

apresentam-se a justificativa do trabalho e a metodologia utilizada na pesquisa (levantamento bibliográfico; pesquisa de campo; uso de questionários; pesquisa de laboratório) e faz-se referência à literatura relativa ao assunto, anteriormente publicada.

No desenvolvimento, dividido em itens e subitens, apresentam-se a explicação, a discussão e a demonstração sobre o tema. Trata-se do núcleo do trabalho, em que se expõem as ideias, os conceitos, as análises, bem como a argumentação que os sustenta.

Na última parte, são sintetizadas as conclusões a que a pesquisa chegou.

Além do corpo, a monografia apresenta elementos pré-textuais: capa, folha de rosto, resumo, agradecimentos, dedicatória e sumário. Após a conclusão do trabalho, vêm as referências bibliográficas e os anexos.



Saiba mais

Para saber mais sobre a redação acadêmica, consulte o livro a seguir:

MEDEIROS, J. B. *Redação científica*. São Paulo: Atlas, 2006.

7 GÊNEROS TEXTUAIS DA COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL

No cotidiano profissional, somos convidados a escrever diferentes tipos de textos que comumente são classificados como redação empresarial, técnica ou administrativa. Nos itens a seguir, apresentaremos alguns desses tipos, apontando a estrutura de cada um.

Nos textos da comunicação empresarial, predomina a função referencial da linguagem, uma vez que a impessoalidade e a informação são valorizadas. Devemos ressaltar que, em comum, eles têm a objetividade (tanto no sentido de ausência de subjetividade quanto no sentido de concisão), a linguagem formal, a clareza e a exatidão das informações e a obediência às regras da gramática normativa. Apresentam objetivo bastante específico, com estilos e características próprias.

7.1 Carta comercial

As cartas são um meio de comunicação da empresa com clientes, fornecedores e parceiros. Seu conteúdo é essencialmente informativo; por isso, predomina a função referencial da linguagem. Também é muito importante que o texto seja conciso, coeso, coerente e claro, e que obedeça à norma culta.

A carta normalmente é escrita em papel timbrado, com a logomarca da empresa ou do órgão. Sua estrutura é composta por data, destinatário, assunto, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura, com nome e função do remetente.

Veja o exemplo a seguir:

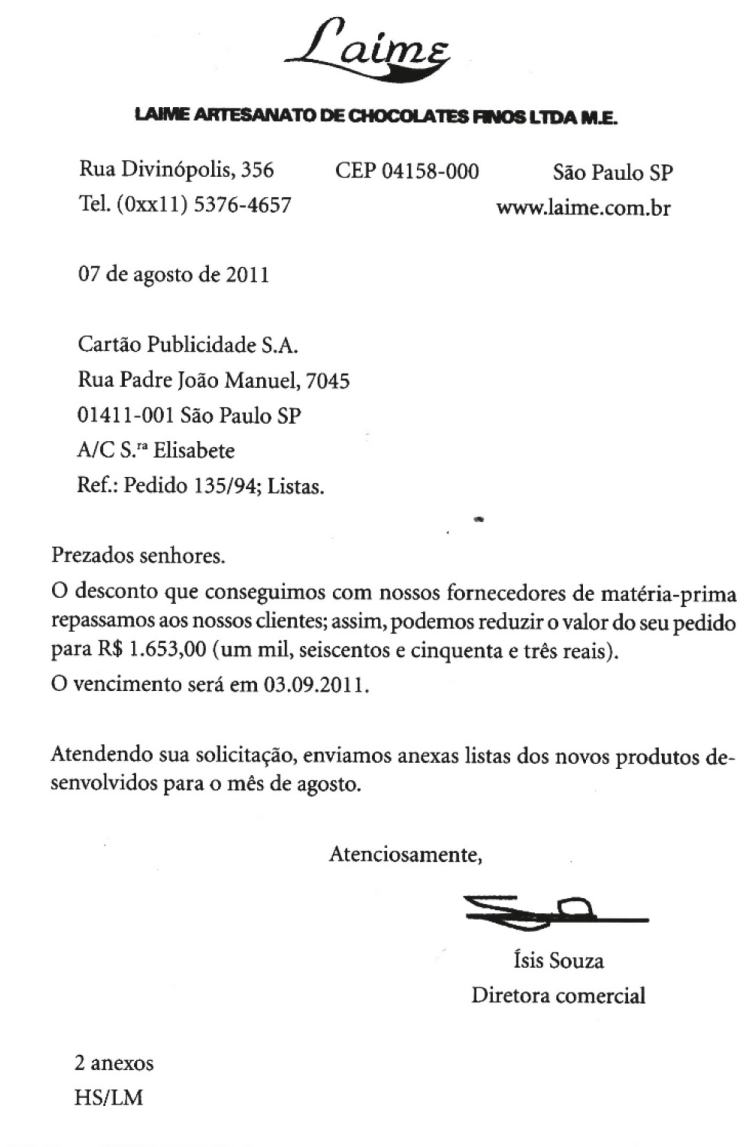


Figura 29

7.2 Aviso

Trata-se de um texto que apresenta diferentes propósitos e formatos. Ele pode ser formal, como um aviso para os funcionários de uma empresa, ou informal, como aqueles colocados em espaços de circulação de pessoas ou em elevadores de condomínios residenciais. O importante é que a mensagem seja clara, que o texto seja coeso e respeite a norma culta.

Veja o exemplo:

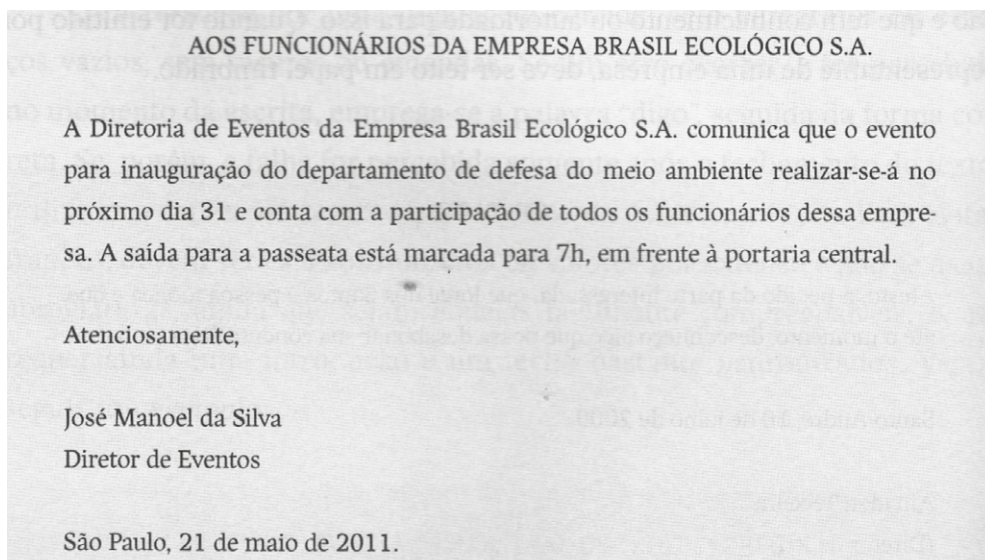


Figura 30

A figura mostra um aviso empresarial, escrito em linguagem formal e com elementos como assinatura e data.

Observemos agora um aviso colocado no elevador de um hotel:

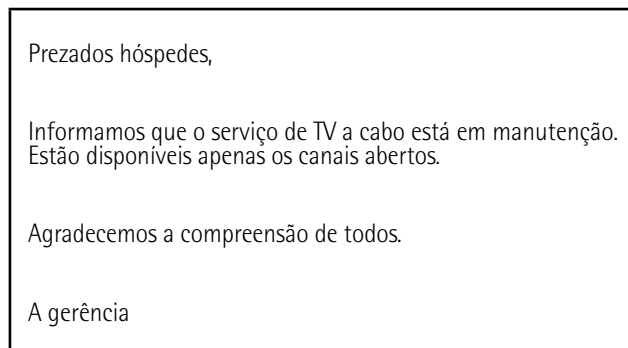


Figura 31

Você deve ter reparado que se trata de um texto com menos formalidades, mas que cumpre sua função comunicativa.

7.3 Ata

A ata registra as discussões e as ocorrências de uma reunião, seja em um condomínio, em uma empresa ou em uma escola. Os assuntos são apontados em ordem cronológica, no pretérito do indicativo. Trata-se de um documento que não pode conter rasuras. Caso haja algo a corrigir, deve-se acrescentar a palavra "digo" ou, no final do documento, utilizar a expressão "em tempo" seguida da devida correção.

A ata é composta por apenas um parágrafo e tem introdução e fecho padronizados. Vejamos um modelo. O conteúdo foi em parte suprimido, pois o objetivo é apreender a estrutura do texto.

<p style="text-align: center;">Ata de Reunião Semestral de Professores do Colégio X</p> <p>Aos doze dias do mês de março de dois mil e dezoito, com início às nove horas, na sala de professores, reuniram-se os docentes de todas as disciplinas do ensino fundamental, o coordenador pedagógico e o diretor do curso afim, digo, a fim de planejar as atividades do semestre. O primeiro a se manifestar foi o professor de matemática João Ramos, que expôs os resultados de sua turma e defendeu a realização de um trabalho interdisciplinar para o oitavo ano. Na sequência [...]. Nada mais a tratar, foi encerrada a reunião, da qual redigi e lavrei a ata que vai assinada por mim e por todos os demais participantes.</p> <p>(Seguem as assinaturas)</p>

Figura 32

7.4 Declaração

Trata-se de um documento em que se declara o conhecimento de determinado fato. É assinado por alguém que se responsabiliza pela informação. Deve ser feito em papel timbrado. Vejamos um modelo:

<p style="text-align: center;">Declaração</p> <p>Declaro, para os devidos fins, que Maria Aparecida Leite foi aluna deste estabelecimento de ensino no período de janeiro de 2001 a dezembro de 2008.</p> <p>São Paulo, 10 de maio de 2018.</p> <p>_____ Mônica Teixeira Secretaria Geral</p>
--

Figura 33

7.5 Relatório

Trata-se de um relato de ocorrências e fatos que foram averiguados em determinado trabalho. O relatório tem estrutura narrativo-descritiva e serve para que se tome ciência de determinada situação e para que sejam providenciadas ações corretas. O nível de detalhamento, o grau de formalidade, a periodicidade e o tamanho do relatório dependem da natureza da atividade a ser relatada.

O exemplo a seguir mostra um relatório técnico de inspeção:

EMPRESA	
Rua - São Paulo/SP - CNPJ nº 00.000.000./0001-00	
Fone: (000) 000-0000 - Fax: (000) 000-0000	
RELATÓRIO	
Senhor Presidente:	
Em atenção à solicitação efetuada por V. Sa. em reunião realizada em, submetemos para apreciação o presente Relatório.	
1. Cabe-nos informá-lo, de início, que foram testados os três equipamentos apresentados pela empresa, que, salvo melhor juízo, atendem prontamente às exigências de nossa empresa.	
2. Considerando a extensão do relato, subdividimos o presente em itens, conforme discriminado:	
Anexo I - Catálogos, prospectos e desenhos dos equipamentos: estrutura e funcionamento.	
Anexo II - Especificação da mão-de-obra necessária.	
Anexo III - Matéria-prima e energia necessárias ao funcionamento, com os respectivos custos.	
Anexo IV - Estatística de custo-benefício, com previsão de seis meses.	
Anexo V - Condições de compra dos equipamentos.	
3. Informamos que os equipamentos foram testados por técnicos altamente especializados, pertencentes ao quadro funcional desta empresa, com o acompanhamento de representante da empresa	
Nos anexos, explicitaremos melhor os relatos efetuados, os quais concluirão que todos os equipamentos apresentados irão melhorar, e muito, a capacidade de produção de nossa empresa, e que o valor a ser despendido nesses equipamentos será compensado rapidamente com os lucros obtidos no aumento da venda da produção.	
Consignamos que demos tratamento estritamente técnico à missão que por V. Sa. nos foi confiada.	
Atenciosamente,	
....., ... de de	
Fulano de Tal, Engenheiro	Sicrano de Tal, Técnico em

Figura 34

7.6 Requerimento

Trata-se do documento em que algo é solicitado. Pode ser dirigido a autoridades públicas e privadas ou, internamente, a pessoas com cargos superiores ao do requerente. Deve ser redigido em terceira pessoa e ter os seguintes elementos constitutivos: vocativo, teor (com pedido e justificativa) e fecho.

Veja o exemplo a seguir:

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO (DSV)

Mário Silva Santos, com Cédula de Identidade RG 1 245 311 – SSP-SP, residente e domiciliado na Rua Divinópolis, 118, comerciante, vem requerer o cancelamento da multa relativa ao veículo Volkswagen, placa CAI 5000, aplicada em 02.04.2008 às 12h20, conforme auto de infração u8*832.356, notificação 0.616.457.94, pela infração de estacionar em desacordo com a regulamentação. Deve ter havido algum tipo de engano, pois o referido veículo, naquela data e hora, estava em revisão mecânica em Santo André, conforme nota fiscal e declaração anexas.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, 15 de maio de 2011.



Anexos: Nota fiscal de Andrewagem;
Declaração de Andrewagem;
Cópia da notificação.

Figura 35

7.7 Currículo

O currículo, ou curriculum vitae, é o documento em que são registrados os dados pessoais e profissionais de alguém. É apresentado quando a pessoa se candidata a uma vaga de emprego. Nele, devem constar a formação acadêmica, com os respectivos anos de conclusão de cada nível, e a experiência profissional, normalmente ordenada do último emprego (ou função) até o primeiro.

Não há um modelo único para o currículo, mas alguns elementos e características são essenciais. A precisão das informações é uma delas. É necessário fornecer dados verídicos e precisos. Além disso, a descrição dos cargos e das tarefas efetuadas deve ser sintética. Em alguns modelos, coloca-se uma fotografia da pessoa.

Hêndricas Nadólskis (2011) propõe uma estrutura semelhante à seguinte:

Objetivo

Identificação

Nome:
Data de nascimento:
Estado civil:
Residência:
Telefone:
E-mail:

Instrução

Ensino médio:
Ensino superior:
Pós-graduação:
Bolsas:
Outros cursos:
Conhecimentos de outros idiomas:
Conhecimentos de informática:

Experiência profissional

Estágios:
Cargos ocupados:
Tarefas exercidas:

Atividades associadas

Figura 36

Em algumas áreas de atuação, candidatos têm inovado no formato do currículo, a fim de mostrar criatividade. Trata-se de um recurso que pode ser explorado caso o perfil da empresa e do cargo permita.

Veja o exemplo a seguir:



Figura 37

No caso de estudantes, professores universitários e demais pesquisadores, o currículo lattes tem sido o documento exigido. Nele, são registradas publicações, participações em congressos ou seminários e demais produções docentes. O lattes é preenchido em uma plataforma on-line e conta com abas e itens que devem ser completados.

No site do CNPq, é possível acessar os currículos cadastrados, como se vê na figura:

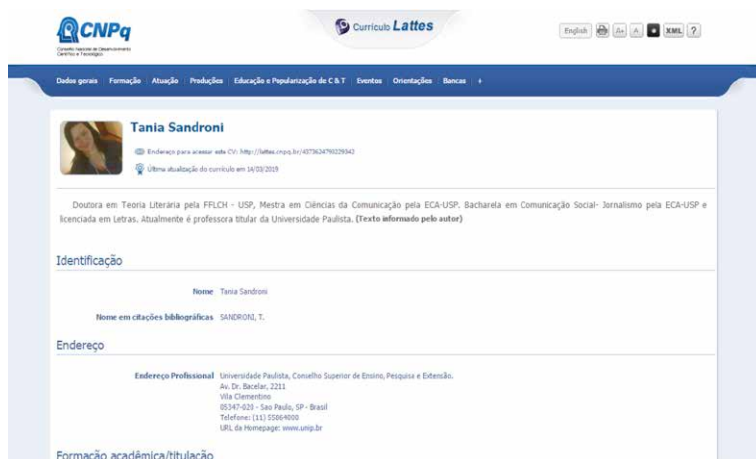


Figura 38

7.8 E-mail

A estrutura padrão de qualquer e-mail se assemelha à da carta: vocativo, texto, despedida e assinatura. Essa semelhança é indicada até mesmo pela denominação "correio eletrônico". As diferenças encontram-se na rapidez do envio e na presença de algumas informações, como a hora e o dia em que a mensagem foi enviada.

Assim como na carta, a linguagem utilizada no meio digital depende da situação, do destinatário e da finalidade da mensagem.

Quando enviamos uma mensagem profissional por correio eletrônico, devemos ter alguns cuidados. Em primeiro lugar, é necessário ter atenção com as regras da norma culta e com o vocabulário. Mesmo que haja certa intimidade entre o remetente e o enunciatário, o tom excessivamente informal não é adequado. Vejamos o exemplo a seguir:

Bom dia Juliana.

Quero informá-la que houveram problemas com o último lote de peças recebidas. As mesmas estavam fora dos padrões estabelecidos. Segue anexo algumas fotos onde se comprova o problema.

Solicitamos que seja enviado o mais breve possível um novo lote.

Atenciosamente.

Sérgio

Figura 39

O fato de não haver uma forma de tratamento mais formal para se dirigir a Juliana indica certa proximidade entre os interlocutores. Caso não haja essa proximidade, é apropriado usar pronomes de tratamento, como "senhor", "senhora", ou ainda adjetivos, como "prezado(a)", "caro(a)".

Apesar de a mensagem ser compreensível, há problemas em relação ao uso da norma culta. Notamos que há erros de pontuação, de regência e de concordância. Repare também que uma parte do texto está escrita na primeira pessoa do singular (eu), e a outra parte, na primeira do plural (nós). Convém padronizar o enunciador.

Corrigindo esses problemas gramaticais, temos a nova versão:

Bom dia, Juliana.

Informo que houve problemas com o último lote de peças recebidas. Elas estavam fora dos padrões estabelecidos. Seguem anexas algumas fotos que comprovam o problema.

Solicito que um novo lote seja enviado o mais breve possível.

Atenciosamente.
Sérgio

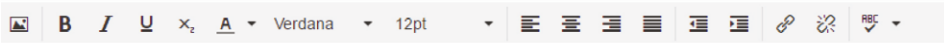
Figura 40

Nesse gênero textual, é fundamental o preenchimento do campo "assunto" a fim de que o destinatário tenha uma ideia do que será tratado na mensagem. No exemplo, Sérgio deveria ter escrito, nesse campo, algo como "Lotes com problemas" ou "Peças defeituosas".

No caso dos e-mails pessoais, a diferença principal encontra-se no grau de informalidade. O tom pode ser mais íntimo e afetivo. No entanto, os elementos constitutivos são os mesmos.

Para xxxxx@gmail.com mais cc/cco

Assunto: Encontro de turma

 **B** *I* U x₂ A Verdana 12pt

Oi, Ana, tudo bem? Quanto tempo...

Estou tentando organizar um encontro da nossa turma da faculdade. Com a vida agitada, só mantemos contato no mundo virtual.

Estou vendo o melhor lugar e data.

Você tem o contato do Juca, da Bia e do Lucas?

Saudades.

Bjs,

Tata|

Figura 41

Tanto no e-mail profissional quanto no pessoal, existem algumas regras de conduta. No caso do profissional, não é adequado inserir emoticons nem abreviar palavras. Também é desaconselhável o uso de letras maiúsculas, pois elas indicam que o enunciador está falando mais alto. A indicação de prioridade alta deve ser utilizada com bom senso. O e-mail é, assim, um gênero textual do mundo digital.

8 GÊNEROS TEXTUAIS DO COTIDIANO DIGITAL

O desenvolvimento da internet alterou o modo como nos comunicamos. Não se trata de uma mudança que atinge apenas os canais ou o tempo de comunicação. A rede modificou a linguagem e introduziu ou modificou gêneros textuais no nosso cotidiano. De acordo com Marcuschi (2004, p. 13), "na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo".

Segundo Pierre Lévy (2005), importante filósofo contemporâneo, as mídias interativas e as comunidades virtuais desterritorializadas abrem uma nova esfera pública, que favorece a liberdade de expressão. Na sua visão, a internet cria um espaço inclusivo de comunicação, que dá margem à renovação profunda das condições da vida pública no sentido de maior liberdade e responsabilidade dos cidadãos.

Lévy observa ainda que as webmídias estão liberadas, pelo menos no plano técnico, das limitações associadas a qualquer suporte particular existente. É viável editar, ao mesmo tempo e de maneira complementar, textos, imagens e som, "com conteúdos organizados por temas – eventualmente estruturados pelas preferências dos consumidores de informação – e não mais segundo grades de programação temporais ou emissões cronológicas" (Lévy, 2005, p. 369).

Diante disso, é importante estudarmos algumas características de gêneros textuais do mundo digital, fundamentais para a interação social.



Saiba mais

Para estudar mais sobre o impacto da rede no nosso cotidiano, leia:

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2005.

8.1 Postagens e comentários em redes sociais

As redes sociais possibilitam a prática de alguns gêneros textuais, como o post (postagem) e o comentário. Uma das características mais marcantes desses textos é o hibridismo de linguagem, isto é, são usadas as linguagens verbal e não verbal (com os emoticons ou com os memes e gifs, por exemplo).

O uso dos signos não verbais não é aleatório; ele também apresenta sua sintaxe e seu impacto semântico na mensagem, pois os emoticons expressam estados emocionais do enunciador e direcionam a interpretação do que foi escrito. Vejamos o exemplo a seguir:

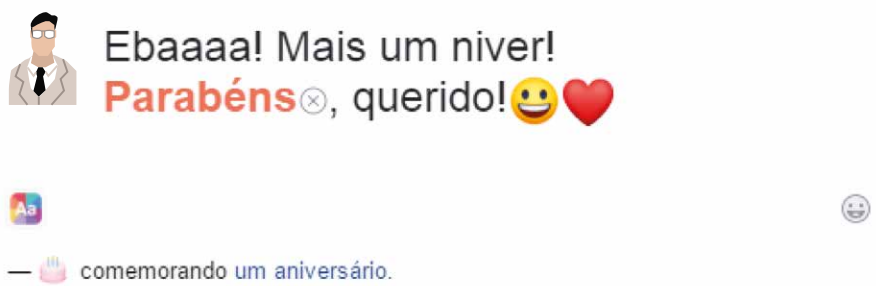


Figura 42

Trata-se de uma mensagem simples, de feliz aniversário. No entanto, o uso dos signos não verbais acrescenta leveza, alegria e afeto às palavras. No aspecto verbal, observamos o prolongamento do "a" para indicar a fala esfuziante e o termo informal "niver".

Os emoticons são de fácil apreensão por quem lê e cumprem importante função comunicativa nas mensagens. Por serem signos não verbais, seus significados são universais, ou seja, podem ser decodificados pelo leitor, independentemente da língua que ele fala. De forma sintética, eles expressam o sentimento de quem enuncia e auxiliam na identificação de alguns recursos, como, por exemplo, a ironia. Vejamos alguns emoticons e seus significados:

Quadro 2

Emoticons	Possíveis "traduções"
	Estou aplaudindo
	Fiquei feliz
	Amei e fiquei feliz
	Estou gargalhando, achei muito engraçado
	Fiquei triste
	Estou assombrado(a), espantado(a)
	Estou chateado(a)
	Em lágrimas, estou chorando muito
	Estou revirando os olhos: expressão de "não acredito", ou "ai, meu Deus"
	Estou com raiva
	Tenho nojo, vontade de vomitar

Os emoticons também podem ser substituídos pela combinação de sinais gráficos. Por exemplo, o sinal composto por dois-pontos seguidos do fechamento de parênteses corresponde à carinha feliz :)

A internet alterou a linguagem escrita a tal ponto que se criou um neologismo para defini-la: o internetês. Trata-se da "língua" informal da rede, marcada pelas abreviações, pelas grafias não convencionais, pelo vocabulário específico, pelas onomatopeias e pelos signos não verbais.

Além das postagens produzidas ou compartilhadas pelos usuários, as redes sociais permitem os comentários. Trata-se de uma forma de manifestar o apoio ou o repúdio ao que foi publicado. Veja, por exemplo, os comentários em uma postagem da página *Planeta Sustentável*, que compartilhou a criação de um "banco da amizade", no qual, para ficar equilibrado, é necessária a presença de duas pessoas.



Figura 43

As postagens e os comentários em redes sociais encontram-se no limite do público e do privado. Ao mesmo tempo que a pessoa é "dona" do seu perfil, sua página pode ser vista por muitas outras. Do mesmo modo, aquilo que se comenta em outros posts também pode ser visualizado por milhares de "amigos" ou desconhecidos.

Ainda que o acesso seja reduzido a um grupo, nas redes, há exposição da vida particular, dos hábitos, dos passeios, das crenças etc. Você já deve ter lido sobre pessoas que foram demitidas porque expressaram preconceitos nas redes sociais, por exemplo. Por isso, há certas normas de conduta que devemos respeitar.

Leia na sequência o texto de Edgard Murano. O neologismo do título do texto indica que é necessário seguir certas normas de etiqueta na internet.

A "netiqueta": como se comportar corretamente no mundo virtual

Maiúsculas: textos em maiúsculas (Caps Lock ativado), na maioria dos casos, dão a entender que você está gritando. Se quiser destacar algo, sublinhe ou coloque entre aspas. Se o programa utilizado na comunicação permitir, use o itálico ou o negrito, mas sempre de forma moderada, para não poluir o texto.

Erros de grafia: em conversas informais, é normal que a norma culta da língua seja posta de lado. O que não quer dizer que se possa escrever de qualquer jeito. Atenção para os erros que podem mudar o significado do que se quis dizer, como usar "mais" em vez de "mas", "e" em vez de "é", "de" em vez de "dê" e assim por diante.

Pontuação: por mais informal que seja o texto, o interlocutor pode não conseguir acompanhar o fluxo de pensamento do redator. Daí a necessidade de pausas. Por isso, atenção à pontuação e à divisão de parágrafos.

Respostas: ao enviar respostas em fóruns, listas de discussão ou debates em redes sociais como o Facebook, por exemplo, procure ser claro sobre o que está falando ou a que está se referindo. Copie e cole um trecho da questão, dê nome ao que você pretende responder e evite deixar sua réplica solta, sem referências às mensagens prévias nas quais você se baseou.

Público x privado: questão cara em tempos de redes sociais, o cuidado com o que se publica é essencial para evitar mal-entendidos e situações constrangedoras. Como o meio virtual permite respostas muito rápidas e publicações instantâneas, pense antes de tornar públicos seus pensamentos. Por isso, pense, escreva, leia o que escreveu e só depois publique na internet. Lembre-se de que suas opiniões ficarão registradas e podem ser facilmente associadas a seu nome numa busca rápida. Evite também publicar informações que possam lhe causar problemas, como críticas ao seu chefe ou o seu endereço.

Fonte: Campos e Rocha (2013, p. 270).

8.2 Conversas in box

Quando estabelecemos um contato via WhatsApp ou Messenger, por exemplo, dizemos que vamos "conversar" com alguém. O verbo escolhido revela, na verdade, uma característica essencial desse tipo de texto: sua proximidade com a oralidade.

Dessa forma, trata-se de registros escritos de formas de dizer usadas comumente na fala. Além disso, são adotadas abreviações, onomatopeias, grafias diferentes e figuras (linguagem não verbal). Veja a tirinha a seguir:



Figura 44

Observe que a resposta do sobrinho representa a entonação pelo prolongamento de letras, e a grafia de palavras é baseada no som, e não na convenção da escrita.

Veja mais um exemplo, de um diálogo entre dois jovens:

– Eae mano vai fazer o q no feriado vamu toma umas breja.

– Não vou viajar.

Percebemos nitidamente as questões referentes à ortografia. A grafia não convencional é tão comum nesses casos que muitos já leem "tomar" ou "tomá" quando veem "toma".

Além dos problemas na grafia, notamos a ausência de pontuação. Essa característica faz com que o leitor, muitas vezes, tenha que adivinhar o sentido da frase. Observe, por exemplo, a resposta do amigo. Entendemos que ele não irá viajar. No entanto, se houver uma pausa depois do "não", que não foi marcada por vírgula ("Não, vou viajar"), o sentido se altera completamente. Note, ainda, que a pergunta do colega não está sinalizada com ponto de interrogação.

Sobre o modo de escrever em "internetês", leia a crônica de Juremir Machado da Silva:

Uma questão de linguagem

- C ñ podia medescolá um trampo no CP, Ju?
- Não apito nada – respondi, usando uma linguagem que me pareceu estranhamente anacrônica, embora dois minutos antes ainda estivesse fresquinha na minha cabeça e ultrapassado fosse apenas um colega meu que fala "que pequena" toda vez que vê uma gatinha maneira.
- Sei, Ju, mas vc trampa no CP, ñ trampa?
- Bem, acho que sim. Quer dizer, trampo (fiquei imaginando o mais-que-perfeito do verbo tramar).
- Então pq ñ faz + fprça pra me aju. Qrosaí de ksa.
- Não entendi bem. Não podes escrever em português?
- Pô, Ju, já te flei pra naum c tiozinho.
- Tenho as minhas limitações.
- :-)
- Hummm...
- Tô 100%
- Por que não arranja um emprego?
- :-(
- Qual é?
- É isso. Oro um trampo.
- Não é comigo.

- Pqvcnaumxegou na hr q eu t flei?
- Pirou?
- C eh um kra irado, Ju, naum vacila.
- Não, não estou irritado nem irado, moça. Só não sei do que tu estás falando. Para mim tudo isso é grego.
- Naumflei q c tavairtdo. Flei q c eh irado.
- Chega dessa conversa fiada.
- Kd teu humor?
- Não tenho.
- Qro c akicmg.
- Isso não é chinês. É grego. Ou bula de penicilina. Acho que te falta superego ou uma terapia ocupacional.
- Naumsaquei. Axo c tbenrldo.
- Qual é a profissão do teu pai?
- Advgdo.
- :-)
- C vai rapdo, kra!!! Irado!!!!!!
- Teu pai não te corrige quando tu usas esse internetês?
- Naum tem como. Ele usa data vênia em @.
- Ah.
- Ele eh mto 100 noção. Axo esse trampo do vlhoidao.
- O velho é doidão?
- O trampo dele.
- Hummm...
- Adoro qd tu eh clro assim.
- Vai procurar a tua turma, fedelha.
- Pior eh o meu avô.
- Ah, bom! O que ele faz?
- Eh desembargador. Que trampo irado! Muito irado!!!!!!
- Tu és filha de advogado, neta de desembargador e pede trampo pra mim. Por que não trampa no Judiciário?
- Kra, agora naum dá +. Depois da súmula vinculante 13, o bixopgou. Naum tem + mole.
- Qro um trampo no CP, Ju.

Fonte: Silva (2009).

O autor revela seu estranhamento em relação à linguagem da jovem e como esse uso afeta a comunicação entre eles, de gerações distintas.

8.3 Fóruns de discussão

Para quem realiza um curso a distância, os fóruns de discussão são comuns na sua rotina. Trata-se de uma plataforma em que se aborda um assunto predeterminado por meio da interação entre as pessoas do grupo.

As mensagens são enviadas de forma imediata para os membros da lista. É um tipo de comunicação assíncrona, que permite que, antes de encaminhar a mensagem, o autor reflita, faça correções e, então, manifeste suas ideias e seus posicionamentos sobre a questão proposta.

Os fóruns têm finalidade pedagógica, pois a troca de ideias sobre o tema proposto visa à melhor compreensão de conceitos estudados e à construção de novos conhecimentos. Trata-se de uma ferramenta que estimula a assimilação de conteúdo e a explanação de dúvidas.

Nesse ambiente, deve predominar a linguagem formal, com a obediência à norma culta. É fundamental que o participante exponha suas ideias e seus comentários de forma clara e bem redigida.

8.4 Blogs

O blog surgiu como uma espécie de diário virtual público. Nele, a pessoa expõe atividades do seu cotidiano ou aborda questões referentes a um tema específico. As postagens mais recentes vão se sobrepondo às mais antigas, que permanecem registradas na página.

Com o tempo, os blogs foram se transformando em páginas de conteúdo político, cultural ou acadêmico. Trata-se de um gênero que pode apresentar variados formatos, com o uso de imagens e vídeos também.



Observação

Os blogs compostos essencialmente de vídeos recebem o nome de vlogs. Os que apresentam fotos como principal postagem são os fotologs.

A consolidação do gênero deveu-se, especialmente, ao fato de ser uma ferramenta sem custo, de fácil uso e capaz de tornar qualquer pessoa um produtor de conteúdo. Muitas pessoas assumem atualmente a profissão de blogueiro, e seu desempenho depende do número de seguidores que conseguem. O sucesso de um blog na rede pode render a seu autor patrocínios e outras formas de renda.

Os blogs são construídos com base no hipertexto, isto é, com a sugestão de outros links que levam o leitor a novas páginas. Além disso, permitem a interatividade por meio de comentários.

Hipertexto é uma forma de leitura não linear em que o indivíduo tem a possibilidade de trilhar outros caminhos, que complementam (ou mesmo alteram) o tema pesquisado. No texto da internet, veem-se palavras em destaque. Ao clicar sobre elas, o usuário é levado a outra página. Em alguns casos, ele pode nem retornar à página inicial.

Com o tempo, surgiram também os blogs cooperativos, ou seja, aqueles construídos por mais de uma pessoa. É o que ocorre com o blog *Brasil Acadêmico*, que se afirma como o "blog do acadêmico descolado". Como o nome indica, trata-se de uma página com notícias e textos sobre o universo acadêmico, destinado especialmente a estudantes.

A figura a seguir mostra uma postagem dessa página:



Figura 45

Observação

Blogosfera é o nome que indica o conjunto de weblogs que formam uma comunidade virtual.

8.5 Memes

O meme, como o conhecemos, é um gênero textual que nasceu na rede. Sua característica básica é o humor. Com base em fatos cotidianos e em temas do momento, como política, por exemplo, o meme viraliza rapidamente e expõe críticas que provocam riso.

Na maioria dos casos, trata-se de um texto híbrido, ou seja, composto por linguagem verbal e não verbal. No aspecto verbal, predomina a informalidade e são aceitos desvios em relação à norma culta.

Em muitos casos, o meme é construído por meio da intertextualidade, com referência a falas de personalidades, a imagens de figuras públicas ou a obras conhecidas. São comuns, por exemplo, os memes que se apropriam da capa de um livro, de uma cena de novela ou de uma série para construir sua mensagem. É o que se observa no meme a seguir, montado com base na máxima do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau ("O homem nasce bom, a sociedade o corrompe").

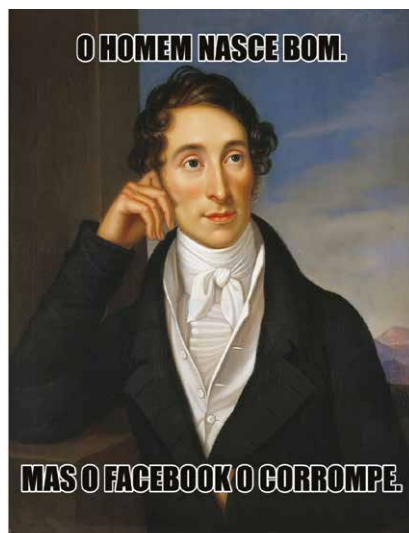


Figura 46

Outra estratégia muito utilizada na elaboração de memes é o uso de imagens de animais com expressões ou comportamentos risíveis, como se vê nas figuras a seguir:



Figura 47



Figura 48



Resumo

Nesta unidade, abordamos alguns tipos de textos, procurando identificar a estrutura que os sustenta. Observamos que a estrutura de um texto pode ser predominantemente narrativa, descritiva ou dissertativa (expositiva ou argumentativa). Essas estruturas estão presentes em vários gêneros textuais. Por meio de exemplos, vimos que um mesmo tema pode ser trabalhado em estruturas e gêneros distintos.

Apresentamos brevemente os elementos constitutivos dos textos narrativos e descritivos, caracterizados como figurativos. Vimos que tais estruturas estão presentes, por exemplo, em contos, músicas e anúncios publicitários.

Em relação aos textos dissertativos, predominantemente temáticos, mostramos que existem os expositivos, em que são apresentadas informações sobre o tema, e os argumentativos, em que se defende um ponto de vista. Analisamos a construção da argumentação em alguns exemplos, como no caso de um artigo de opinião, e comentamos sobre os principais tipos de argumento e seus defeitos, que prejudicam o efeito persuasivo do texto.

Apresentamos as características básicas de alguns gêneros textuais da área acadêmica, como o fichamento, o resumo, a resenha, o artigo, a paráfrase, o projeto de pesquisa e a monografia. Observamos que cada gênero apresenta estrutura e características próprias.

Da área empresarial, mencionamos alguns gêneros, como a declaração, o relatório, o aviso, o requerimento, a ata e a carta comercial. Vimos que, nesses gêneros, prevalecem o efeito de objetividade e o nível formal de linguagem.

Os gêneros textuais do nosso dia a dia no mundo digital também foram contemplados, com destaque para seus elementos composicionais. Foram abordados os comentários e as postagens em rede, as conversas in box, os blogs e os memes. Vimos que nesses gêneros prevalece a informalidade e que, em geral, são observados desvios em relação à norma culta.



Exercícios

Questão 1. (Cespe-UnB 2010, adaptada) Considere o requisito abaixo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade.

Fonte: *Manual de redação da presidência da República*. 2002.

Assinale a opção em que o fragmento apresentado atende a esse requisito.

- A) Ficamos felizes com o resultado da análise porque foi melhor do que imaginávamos.
- B) Talvez seja bom rever o assunto do pedido de análise. Consideramos um tanto quanto questionável a sua realização, que para nos daria muito trabalho.
- C) A produção não atendeu à legislação, à qual deverá ser revista.
- D) O presidente falou claramente de que a decisão é inteligente e mais simples do que a lei vigente.
- E) A adequação dos produtos às normas legais implica risco diminuído de acidentes aos consumidores.

Resposta correta: alternativa E.

Análise da questão

Justificativa: o uso da terceira pessoa é importante para caracterizar a impessoalidade, o que já elimina as duas primeiras alternativas. Além disso, é necessário respeitar a norma culta. Na alternativa C, o uso do acento indicativo da crase em "à qual" não está correto, e na alternativa D, o uso da preposição é inadequado. Além disso, na mesma alternativa, ocorre eco.

Questão 2. Considere o post e as afirmativas a seguir:

Nessa treta do Carlinhos Maia e Whindersson, o Carlos debochou dizendo "oxi, nera ele que tava com depressão?" Só porque ele tava rindo.
Essas fotos são de 36 horas antes de Chester Bennington se suicidar. Às pessoas tem que parar de achar que depressivos são tristes 24h por dia.



Figura 49

I – O post apresenta um argumento concreto contra uma ideia do senso comum: a de que as pessoas depressivas não têm momentos de alegria.

II – O post utiliza linguagem informal e apresenta desvios em relação à norma padrão.

III – O post tem estrutura predominantemente descritiva, com a intenção principal de relatar um episódio.

É correto o que se afirma em:

A) I, II e III.

B) I e II, apenas.

C) II e III, apenas.

D) I e III, apenas.

E) II, apenas.

Resolução desta questão na plataforma.

FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 2

FIGUEIREDO, C. *Redação publicitária: sedução pela palavra*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005. p. 66.

Figura 3

BECK, A. *Armandinho*. São Paulo: Matrix, 2017. v. 0-10, p. 55.

Figura 4

Grupo UNIP-Objetivo.

Figura 5

Grupo UNIP-Objetivo.

Figura 6

UNICAMP. *Vestibular Nacional Unicamp 1992: 2ª fase*. Disponível em: http://professorh9.dominiotemporario.com/doc/UNICAMP_1992_-_2Fase_-_Lingua_Portuguesa_e_Literaturas_de_Lingua_Portuguesa_e_Biologia.pdf. Acesso em: 23 maio 2019.

Figura 7

CONTEUDO_3245/013.PNG. Disponível em: http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/conteudo_3245/013.png. Acesso em: 16 maio 2019.

Figura 8

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. *Português*. São Paulo: Moderna, 1990. p. 66.

Figura 9

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. *Português*. São Paulo: Moderna, 1990. p. 160.

Figura 10

CONTEUDO_9630/022.JPG. Disponível em: http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/conteudo_9630/022.jpg. Acesso em: 28 fev. 2019.

Figura 11

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. *Português*. São Paulo: Moderna, 1990. p. 29.

Figura 12

CONTEUDO_4657/_3.JPG. Disponível em: http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/conteudo_4657/_3.jpg. Acesso em: 23 maio 2019.

Figura 13

AULA_14471/009.PNG. Disponível em: http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/Aula_14471/009.png. Acesso em: 20 maio 2019.

Figura 14

INEP. *Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2001*: Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2001/2001_amarela.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.

Figura 15

ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006. p. 9.

Figura 16

SOARES, L.; CAMARGO, J. E. *O Brasil das placas: viagens por um país ao pé da letra*. São Paulo: Panda Books, 2005. p. 71.

Figura 17

ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006. p. 116.

Figura 18

ORLANDELI, W. A. *Grump: um dia eu chego lá!* São Paulo: Sesi, 2016. p. 18.

Figura 19

ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006. p. 315

Figura 20

ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Português*. São Paulo: Moderna, 1999. p. 200.

Figura 21

VERISSIMO, L. F. *As cobras: se Deus existe que eu seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Figura 22

BECK, A. *Armandinho*. São Paulo: Matrix, 2017. v. 0-10, p. 33.

Figura 23

BROWNE, H. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2018. p. 36.

Figura 24

MORENO, A. C. Biólogo e quadrinista transformam artigo científico sobre o ciclo de vida dos insetos em história em quadrinhos. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/02/20/biologo-e-quadrinista-transformam-artigo-cientifico-sobre-o-ciclo-de-vida-dos-insetos-em-historia-em-quadrinhos.ghtml?fbclid=IwAR3WtuRAFUmJDNIW35GcHL2y-739yLj5PuTjJZA4GfTaEKa4ybVRFN>. Acesso em: 20 maio 2019.

Figura 25

CAMPOS, M. I.; ROCHA, R. B. *Gêneros em rede: leitura e produção de texto*. São Paulo: FTD, 2013. p. 130.

Figura 26

FICHAMENTO.PNG. Disponível em: <http://conversadeportugues.com.br/wp-content/uploads/2016/06/Fichamento.png>. Acesso em: 21 maio 2019.

Figura 27

WATTERSON, B. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. D2, 20 nov. 2003.

Figura 28

SANDRONI, T. Uma Leitura de "Enfermeirinhas espertas", crônica de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/145782>. Acesso em: 21 maio 2019.

Figura 29

NADÓLSKIS, H. *Comunicação redacional*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 187.

Figura 30

SAUTCHUK, I. *Perca o medo de escrever: da frase ao texto*. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 258.

Figura 34

ZANOTELLO, S. *Redação: reflexão e uso*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. p. 115.

Figura 35

NADÓLSKIS, H. *Comunicação redacional*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 180.

Figura 37

CV203.JPG. Disponível em: <http://s2.glbimg.com/a1eWouSMYFnar-3pSHJktfGgjz8=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2014/11/10/cv203.jpg>. Acesso em: 21 maio 2019.

Figura 38

VISUALIZACV.DO?ID=K4721217H. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4721217H7>. Acesso em: 21 maio 2019.

Figura 43

CAMPOS, M. I.; ROCHA, R. B. *Gêneros em rede: leitura e produção de texto*. São Paulo: FTD, 2013. p. 268.

Figura 44

ORLANDELI, W. A. *Grump: um dia eu chego lá!* São Paulo: Sesi, 2016. p. 88.

Figura 45

CAMPOS, M. I.; ROCHA, R. B. *Gêneros em rede: leitura e produção de texto*. São Paulo: FTD, 2013. p. 266.

REFERÊNCIAS

Audiovisuais

BARBOSA, A. Samba do Arnesto. In: *Raízes do samba*. São Paulo: EMI, 1999. CD. Faixa 3.

BUARQUE, C. Até o fim. In: *O malandro: Chico 50 anos*. São Paulo: Universal, [s.d.]. CD. Faixa 14.

BUARQUE, C. Valsinha. In: *Construção*. São Paulo: Philips Records, 1971.

GIL, G. Domingo no parque. In: *Gilberto Gil*. São Paulo: Mercury Records, 1968. CD. Faixa 10.

LEGIÃO URBANA. Eduardo e Mônica. In: *Como é que se diz eu te amo*. São Paulo: EMI, 2001. CD. Faixa 6. v. 2.

MONTE, M. Beija eu. In: *Mais*. São Paulo: EMI, 1991. CD. Faixa 1.

Textuais

ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática*: texto: análise e construção de sentido. São Paulo: Moderna, 2006.

ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Português*. São Paulo: Moderna, 1999.

ABNT. *NBR 6022*: informação e documentação: artigo em publicação técnica e/ou científica: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ABREU, A. S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 2004.

ABREU, A. S. *Gramática mínima para o domínio da língua padrão*. Cotia: Ateliê, 2003.

ALENCAR, J. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Bom Livro).

ANDRADE, O. *Poesias reunidas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. 16. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

BECK, A. *Armandinho*. São Paulo: Matrix, 2017. v. 0-10.

BLIKSTEIN, I. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo: Contexto, 2016.

"BLOCO de carnaval não é lugar para mulher direita", diz 49% dos homens em pesquisa. 2016. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/brasil/2016/02/bloco-de-carnaval-nao-e-lugar-para-mulher-direita-diz-49-dos-homens-em-pesquisa-00777277.html>. Acesso em: 20 maio 2018.

BROWNE, H. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. *Produção de textos e usos da linguagem*: curso de redação. São Paulo: Saraiva, 1998.

CAMPOS, M. I.; ROCHA, R. B. *Gêneros em rede*: leitura e produção de texto. São Paulo: FTD, 2013.

- CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira: modernismo*. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- CARVALHO, R. G. *Interpretação de texto*. São José dos Campos: Sistema Poliedro de Ensino, 2011.
- CEREJA, W.; COCHAR, T. *Texto e interação*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CUNHA, M. A. F. (org.). *Corpus, discurso e gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.
- DISCINI, N. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DRUMMOND DE ANDRADE, C. Antigamente. In: FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Para entender o texto: leitura e redação*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- DRUMMOND DE ANDRADE, C. José. In: CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1975.
- EM SP, 45% deixam de cumprimentar com a mão por medo de gripe suína, diz pesquisa. *UOL Notícias*, 11 set. 2009. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/09/11/ult7403u422.jhtm>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- ESOPPO. *As fábulas de Esopo*. 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000378.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Prática de textos para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FERNANDES, M. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FIGUEIREDO, C. *Redação publicitária: sedução pela palavra*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999b.
- FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Manual do candidato: português*. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.
- FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Para entender o texto: leitura e redação*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1999a.
- FORTE, B. Olimpíadas Especiais: os atletas que são promessa de medalha para o Brasil. *Bol*. 2019. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/esporte/2019/02/18/olimpiadas-especiais-os-atletas-sao-promessa-de-medalha-para-o-brasil.htm>. Acesso em: 14 maio 2019.

- GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. 12. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1985.
- GARCIA, W. Ouvindo Racionais MC's. *Teresa*, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116377>. Acesso em: 21 maio 2019.
- A HERANÇA. [s.d.]. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1094968>. Acesso em: 20 maio 2019.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INEP. *Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) 2007: Formação Geral*. Questão 6. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/enade/2007/provas_gabaritos/prova.FG.pdf. Acesso em: 27 maio 2019.
- INEP. *Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) 2015: Comunicação Social/Publicidade e Propaganda*. Questão 24. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2015/06_cs_publicidade_propaganda.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.
- ITA. *Vestibular 2002*.
- KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- LAURICELLA, C. M.; SANDRONI, T. *Dicas para escrever melhor*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2013.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARTINS, E. *Manual de redação e estilo*. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- MEDEIROS, J. B. *Redação científica*. São Paulo: Atlas, 2006.
- MEDINA, S. *Memorial de Santa Cruz*. São Paulo: Mercado Aberto, 1983.
- MEIRELES, C. *Flor de poemas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MELLO, J. A moral e a ética no desenvolvimento das crianças. *GGN*. 2014. Adaptado. Disponível em: <http://jornalggm.com.br/noticia/a-moral-e-a-etica-no-desenvolvimento-das-criancas>. Acesso em: 21 maio 2019.

MORENO, A. C. Biólogo e quadrinista transformam artigo científico sobre o ciclo de vida dos insetos em história em quadrinhos. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/02/20/biologo-e-quadrinista-transformam-artigo-cientifico-sobre-o-ciclo-de-vida-dos-insetos-em-historia-em-quadrinhos.ghtml?fbclid=IwAR3WtuRAFUmJDNIW35GcHL2y-739yLj5PuTjJZA4GfTaEKa4ybVRFN>. Acesso em: 20 maio 2019.

NADÓLSKIS, H. *Comunicação redacional*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

ORLANDELI, W. A. *Grump: um dia eu chego lá!* São Paulo: Sesi, 2016.

PAES, J. P. *Os melhores poemas de José Paulo Paes*. São Paulo: Global, 1998.

QUINO. *Toda Mafalda*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1998.

RAMOS, R. *Circuito fechado*. São Paulo: Globo, 2012.

RUFFATO, L. O brasileiro cordial. *El País*, 3 jun. 2015. Adaptado. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/03/opinion/1433333585_575670.html. Acesso em: 21 maio 2019.

SANDRONI, T. Uma leitura de "Enfermeirinhas espertas", crônica de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector. *Revista Via Atlântica*, USP, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/issue/view/10356>. Acesso em: 21 maio 2019.

SARMENTO, L. L. *Oficina de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

SAUTCHUK, I. *Perca o medo de escrever: da frase ao texto*. São Paulo: Saraiva, 2011.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, J. M. Uma questão de linguagem. *Correio do Povo*, set. 2009.

SIMÕES, D. M.; HENRIQUES, C. C. (org.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2002.

SOBRINHO, D. A. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

TREVISAN, D. *A polaquinha*. Distrito Federal: Confraria dos Bibliófilos do Brasil, 2002.

UNICAMP. *Vestibular Nacional Unicamp 1991*.

UNICAMP. *Vestibular Nacional Unicamp 1992*: 2ª fase. Disponível em: http://professorh9.dominiotemporario.com/doc/UNICAMP_1992_-_2Fase_-_Lingua_Portuguesa_e_Literaturas_de_Lingua_Portuguesa_e_Biologia.pdf. Acesso em: 23 maio 2019.

UNICAMP. *Vestibular Nacional Unicamp 1993.*

UNICAMP. *Vestibular Nacional Unicamp 1995*.

VAL, M. G. C. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VERISSIMO, L. F. *As cobras: se Deus existe que eu seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VERISSIMO, L. F. *Comédias da vida privada*: 101 crônicas escolhidas. 10. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.

VERISSIMO, L. F. *A versão dos afogados*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

WATTERSON, B. O melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. D2, 20 nov. 2003.

ZANOTELLO, S. *Redação: reflexão e uso*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

Sites

<http://www.abnt.org.br/>

<https://sucupira.capes.gov.br>

Exercícios

Unidade II – Questão 1: CENTRO DE SELEÇÃO E DE PROMOÇÃO DE EVENTOS UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (CESP). *Prova Pesquisador-Tecnologista 2010.*

[illegible]



Handwriting practice lines consisting of 30 horizontal blue lines. Each line is preceded by a small blue dot, serving as a guide for letter height and placement.



Handwriting practice lines consisting of 30 horizontal lines. Each line is preceded by a small blue dot on the left margin, serving as a starting point for letter formation. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page.



Handwriting practice lines consisting of 30 horizontal blue lines. Each line is preceded by a small blue dot, serving as a guide for letter height and placement.



Interativa

Informações:
www.sepi.unip.br ou 0800 010 9000